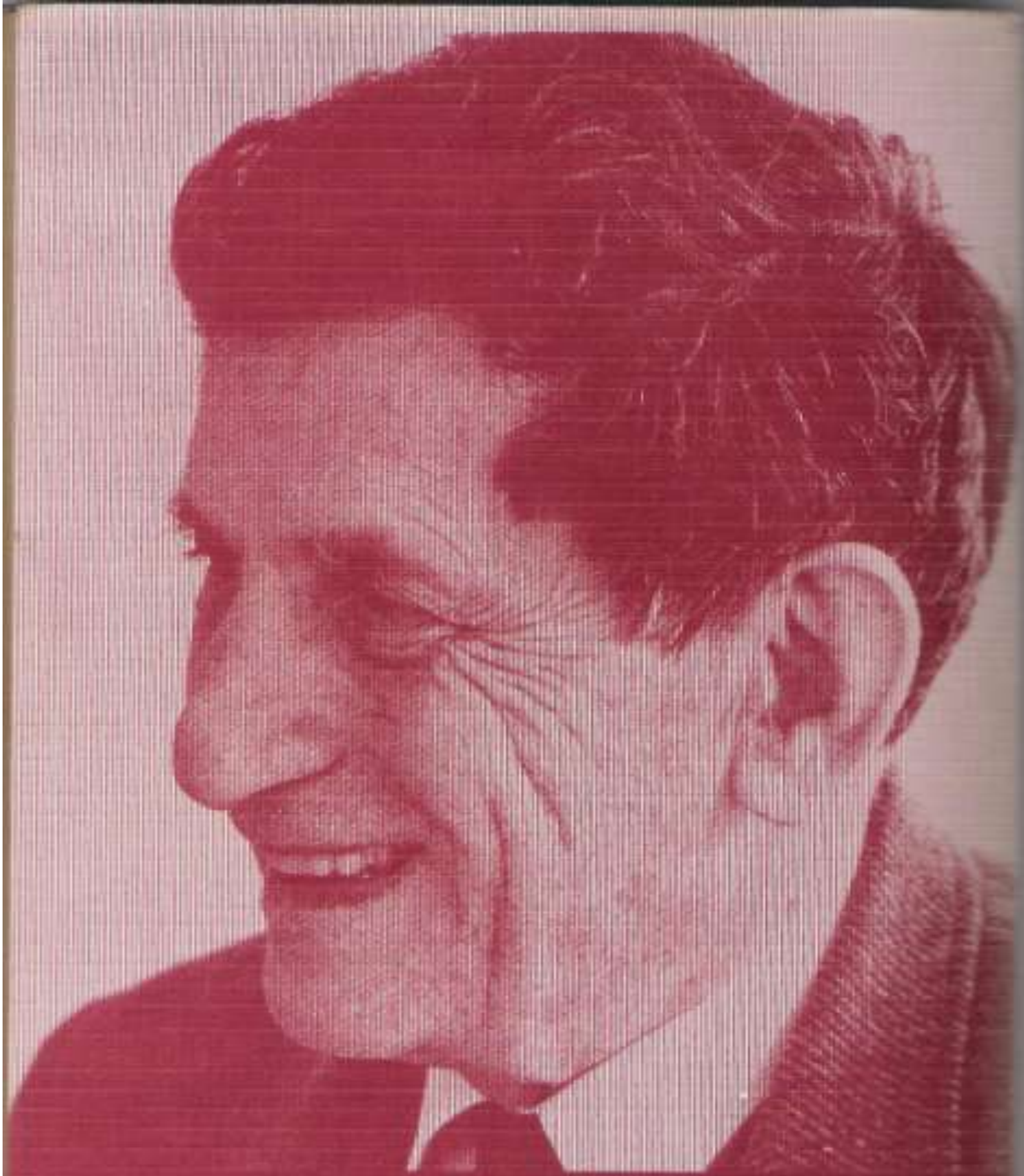
O Futuro da Humanidade

Dois diálogos entre

J. Krishnamurti / David Bohm

O ponto de partida de nossos debates – diz o Dr. David Bohm em seu prefácio – foi a pergunta: "Qual é o futuro da humanidade?" – E continua: "No momento atual, este assunto é de vital interesse para todos, já que a ciência e a tecnologia sem dúvida criaram imensas possibilidades de destruição."

David Bohm é considerado um dos maiores físicos especulativos do mundo e um dos teóricos mais influentes dentro dos padrões que estão surgindo. [. . .] Bohm nasceu em 1917 e estudou na Faculdade Estadual da Pensilvânia. Graduou-se pela Universidade da Califórnia, Berkeley, onde, em 1943, doutourou-se em Física. [. . .] A tese de Bohm versava sobre "difusão próton-nêutron". Ensinou em Princeton, na Universidade de São Paulo, Brasil, e no Technion de Haifa antes de se tomar professor de Física Teórica na Birkbeck College da Universidade de Londres, onde atualmente é professor emérito.

Suas pesquisas sobre a natureza da consciência foram estimuladas, em parte, pelos dilemas que vislumbrou na mecânica quântica e, em parte, por sua descoberta do filósofo/sábio indiano Krishnamurti. Certo dia, a esposa inglesa de Bohm, Saral, trouxe-lhe um livro que descobrira na biblioteca e que pensou versar sobre física quântica, já que insistia nos problemas criados pelas relações entre observador e observado. Era na verdade um livro de Krishnamurti, com quem desde então Bohm manteve estreitas relações. Indagado a respeito desse relacionamento, Bohm disse: "Somos amigos e temos tido um relacionamento muito próximo, girando em tomo de questões de interesse mútuo que vimos explorando por anos a fio."

Do livro de Renée Weber. *Diálogos com cientistas e sábios,* publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1988

O FUTURO DA HUMANIDADE

Dois diálogos entre

J. KRIHNAMURTI/DAVID BOHM

Título do original:

The Future of Humanity

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Os dois diálogos publicados neste livro foram realizados três anos após uma série de treze diálogos similares entre Krishnamurti e eu, publicados no livro *The Ending of Time*.* Por conseguinte, era inevitável que eles fossem profundamente influenciados pelos temas abordados nos diálogos que os precederam. Desse modo, os dois livros tratam de questões que, num certo sentido, apresentam certa afinidade. Sem dúvida, *The Ending of Time*, devido à sua maior extensão, pode discutir essas questões de um modo mais exaustivo e muito mais amplo. No entanto, o presente livro tem seu próprio valor; ele aborda os problemas da vida humana por seus próprios meios e fornece uma compreensão importante e adicional desses problemas. Além disso, acho que é um livro mais fácil de ser lido e, desse modo, pode servir de proveitosa introdução a *The Ending of Time*.

* Publicado com o título A ELIMINAÇÃO DO TEMPO PSICOLÓGICO *Diálogos entre J. Krishnamurti e David Bohm* pela Editora Cultrix, São Paulo, 1989.

O ponto de partida de nossos debates foi a questão: "Qual é o futuro da humanidade?" Este assunto é, no momento atual, de interesse vital para todos, já que a ciência e a tecnologia moderna abriram sem dúvida imensas possibilidades de destruição. Tornou-se logo evidente em nosso debate que a causa básica dessa situação encontra-se na mentalidade geralmente confusa da humanidade que, neste aspecto, tem se mantido fundamentalmente a mesma durante toda a história de que se tem conhecimento e, talvez, por um período de tempo muito mais extenso do que esse. Sem dúvida, era essencial investigar profundamente, na origem dessa dificuldade, se haveria alguma possibilidade de a humanidade se desviar de seu perigosíssimo curso atual.

Estes diálogos constituem uma investigação séria desse problema e, à medida que prosseguiam, emergiram muitos dos temas básicos dos ensinamentos de Krishnamurti. Assim, a questão do futuro da humanidade parece, à primeira vista, implicar que uma solução deve, de um modo fundamental, envolver o tempo. Todavia, como salienta Krishnamurti, o tempo psicológico, ou o "vir-a-ser", é a verdadeira origem da corrente destruidora que está pondo em risco o futuro da humanidade. Questionar o tempo desse modo significa, porém, questionar a suficiência do pensamento e do conhecimento enquanto meios de se lidar com esse problema. Mas se o conhecimento e o pensamento não são suficientes, o que é, de fato, necessário? Isso, por sua vez, leva à questão de se a mente é limitada pelo cérebro humano, com todo o conhecimento que ele acumulou através dos séculos. O cérebro parece estar, irremediavelmente preso nas malhas desse conhecimento, que hoje nos condiciona tão profundamente e que deu origem àquilo que, de fato, é um programa irracional e autodestruidor.

Se a mente encontra-se limitada por esse estado do cérebro, então o futuro da humanidade deve ser, realmente, muito sombrio. No entanto, Krishnamurti não considera tais limitações inevitáveis. Ao contrário, ele salienta que a mente é essencialmente livre da tendência deformante inerente ao condicionamento do cérebro e que, através do discernimento que se origina na própria atenção não direcionada, destituída de um centro, ela pode alterar as células do cérebro e remover o condicionamento destrutivo. Neste caso, a existência desse tipo de atenção torna-se de importância crucial e devemos, portanto, dedicar a essa questão a mesma intensidade de energia que geralmente dedicamos a outras atividades da vida que realmente são de interesse vital para nós.

A esta altura, convém notar que a atual pesquisa científica do cérebro e do sistema nervoso fornece, de fato, um considerável apoio à afirmação de Krishnamurti de que o discernimento pode alterar as células do cérebro. Assim, por exemplo, sabe-se atualmente que há substâncias importantes no corpo – os hormônios e os neurotransmissores – que afetam fundamentalmente todo o funcionamento do cérebro e do sistema nervoso. Essas substâncias reagem, a cada momento, àquilo que uma pessoa conhece, àquilo que ela pensa e ao que tudo isso significa para ela. Está suficientemente demonstrado em nossos dias que, sob esse aspecto, as células do cérebro e seu funcionamento são profundamente afetados pelo conhecimento e pelas emoções. Desse modo, é bastante plausível que o discernimento, que deve emergir de um estado de grande energia mental e emocional, poderia alterar as células do cérebro de um modo muito mais profundo ainda.

O que aqui foi dito fornece, inevitavelmente, apenas um breve resumo do que se encontra nos diálogos e não pode revelar a amplitude e a profundidade da investigação por eles levada a efeito acerca da natureza da consciência humana e dos problemas que surgiram nessa consciência. Na verdade, eu diria que o resultado foi um livro conciso e de fácil leitura, que contém a essência da totalidade dos ensinamentos de Krishnamurti, projetando sobre eles uma importante e nova luz.

David Bohm

CAPÍTULO UM

David Bohm: Há vários problemas que poderíamos discutir. Um deles é o seguinte: em determinado momento na vida, uma pessoa precisa arranjar um meio de sustento. Atualmente, as oportunidades são muito escassas e, em sua maioria, trata-se de empregos extremamente limitados.

Jiddu Krishnamurti: E há desemprego no mundo todo. Eu me pergunto o que faria essa pessoa, sabendo que o futuro é sombrio, bastante desanimador, perigoso e tão incerto. Por onde o senhor começaria?

D.B.: Bem, acho que deveríamos nos afastar de todos os problemas particulares derivados de nossas próprias necessidades e das necessidades das pessoas que nos rodeiam.

J.K.: O senhor está dizendo que, nas atuais circunstâncias, deveríamos realmente deixar de pensar nos nossos próprios interesses?

D.B.: Sim.

J.K.: Mesmo que eu não pensasse nos meus próprios interesses, o que faria ao olhar para este mundo no qual deverei viver e ter alguma carreira ou profissão? Acho que esse é um problema que muitos jovens estão enfrentando.

D.B.: Sim. Não há dúvida quanto a isso. O senhor teria alguma sugestão?

J. K.: Veja, eu não penso em termos de evolução.

D.B.: Compreendo. Acho que esse é um assunto que poderíamos discutir.

J.K.: Não acho que haja, de modo algum, uma evolução psicológica.

D.B.: Já discutimos isso muitas vezes e, portanto, acho que compreendo razoavelmente o que o senhor quer dizer. No entanto, acho que as pessoas que não estão familiarizadas com essa idéia terão dificuldade em compreendê-la.

J.K.: Sim, se o senhor quiser, poderemos discutir essa questão detalhadamente. Por que estamos preocupados com o futuro? Certamente, todo o futuro é agora.

D.B.: De certo modo, todo o futuro é agora, mas precisamos esclarecer isso. Trata-se de uma idéia bastante contrária a todo o modo de pensar, a toda tradição da humanidade...

J.K.: Eu sei. A humanidade pensa em termos de evolução, continuidade e assim por diante.

D.B.: Poderíamos talvez abordá-la de outro modo? Ou seja, a evolução parece ser, atualmente, o modo mais natural de se pensar. Assim, gostaria de lhe perguntar quais objeções o senhor faz ao

pensar em termos de evolução. Eu poderia esclarecer uma coisa? A palavra evolução tem muitos significados.

J.K.: Naturalmente. Estamos falando no sentido psicológico.

D.B.: Vamos então, em primeiro lugar, eliminar dessa objeção o sentido físico.

J.K.: Uma bolota tornar-se-á um carvalho.

D.B.: Também as espécies evoluíram: por exemplo, dos vegetais aos animais e ao homem.

J.K.: Sim, levamos um milhão de anos para ser o que somos.

D.B.: O senhor não tem nenhuma dúvida de que isso tenha acontecido? .

J.K.: Não, isso aconteceu.

D.B.: E pode continuar acontecendo.

J.K.: Isso é evolução.

D.B.: É um processo válido.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Esse processo ocorre no tempo. E, portanto, nessa esfera, o passado, o presente e o futuro são importantes.

J.K.: Sim, obviamente. Eu não sei uma determinada língua, e preciso de tempo para aprendê-la.

D.B.: Também leva tempo para aperfeiçoar o cérebro. Veja, se o cérebro, a princípio, era pequeno e, a seguir, foi se tornando cada vez maior, isso levou um milhão de anos.

J.K.: E ele se torna muito mais complexo, e assim por diante. Tudo isso precisa de tempo. Tudo isso é movimento no espaço e no tempo.

D.B.: Sim. o senhor admitirá, portanto, o tempo físico e o tempo neurofisiológico.

J.K.: O tempo neurofisiológico, certamente. Sem dúvida. Qualquer homem sensato admitiria.

D.B.: Mas muitas pessoas também admitem o tempo psicológico; elas o denominam de tempo mental.

J.K.: Sim, é disso que estamos tratando. Se há algo do tipo o amanhã psicológico, a evolução psicológica.

D.B.: Ou o ontem. Receio que, à primeira vista, isso parecerá estranho. Ao que parece, posso me lembrar de ontem. E há o amanhã; posso antecipar. E isso aconteceu muitas vezes, entende, os dias se sucederam, um após outro. Portanto, eu tenho realmente a experiência do tempo: a partir do ontem até hoje, até amanhã.

J.K.: Naturalmente. Isso é muito simples.

D.B.: Pois bem, o que é que o senhor está negando então?

J.K.: Nego que serei alguma coisa, que me tornarei melhor.

D.B.: Eu posso mudar... contudo, há dois modos de se encarar isso. Uma abordagem seria: tornar-me-ei intencionalmente melhor porque estou tentando? Ou a evolução é um processo natural e inevitável, no qual vamos sendo arrastados como numa correnteza e talvez vamos nos tornando melhor, ou pior, ou percebendo que alguma coisa está acontecendo conosco.

J.K.: Psicologicamente.

D.B.: Psicologicamente. E isso leva tempo e talvez não seja o resultado de minhas tentativas no sentido de me tornar melhor. Talvez sim, talvez não. Algumas pessoas acham que sim, outras, que não. Mas o senhor também está negando que haja uma espécie de evolução psicológica natural, assim como houve uma evolução biológica natural?

J.K.: Sim.

D.B.: Pois bem, por que o senhor a nega?

J.K.: Porque, antes de mais nada, o que é a psique, o eu, o ego e assim por diante? O que é?

D.B.: A palavra psique tem muitos significados. Pode, por exemplo, significar a mente. O senhor quer dizer que o ego é a mesma coisa?

J.K.: O ego. Estou falando do ego, do eu.

D.B.: Sim. Contudo, algumas pessoas acham que haverá uma evolução pela qual o eu é transcendido, que se elevará a um nível mais alto.

J.K.: Sim, a transição precisará de tempo?

D.B.: Uma transcendência, uma transição...

J.K.: Sim. Essa é a minha pergunta.

D.B.: Há portanto duas perguntas: uma é: o eu se aperfeiçoará um dia? A outra é: mesmo supondo-se que queremos ir além do eu, isso pode ser feito no tempo?

J.K.: Isso não pode ser feito no tempo.

D.B.: Pois bem, precisamos então esclarecer por que não.

J.K.: Sim. Eu explico. Vejamos. O que é o eu? Se a psique tem tantos significados diferentes, o eu é a totalidade do movimento causado pelo pensamento.

D.B.: Por que o senhor diz isso?

J.K.: O eu é a consciência, a minha consciência: o eu é meu nome, a minha aparência e todas as experiências, as lembranças e tudo o mais que eu tive. Toda a estrutura do eu é formada pelo pensamento. .

D.B.: Isso seria mais uma coisa que algumas pessoas encontrarão dificuldade em aceitar.

J.K.: Naturalmente. É o que estamos discutindo.

D.B.: Pois bem, a primeira experiência, a primeira sensação que tenho do eu, é a de que ele é independente, a de que ele é quem está pensando.

J.K.: O eu é independente do meu pensamento?

D.B.: Bem, minha primeira sensação é a de que o eu é independente do meu pensamento. E o senhor entende, a de que é o eu quem está pensando.

J.K.: Sim.

D.B.: Assim corno eu estou aqui, e poderia me mover; poderia mover meu braço, poderia pensar, eu poderia mover minha cabeça. Isso é urna ilusão?

J.K.: Não.

D.B.: Por quê?

J.K.: Porque quando eu movo o meu braço há a intenção de pegar

alguma coisa, de agarrar alguma coisa, e isso é, antes de tudo, um movimento do pensamento. E isso que faz o braço se mover e tudo o mais. Meu argumento é que – e estou pronto para aceitá-lo como falso ou verdadeiro – o pensamento é a base de tudo isso.

D.B.: Sim. Seu argumento é que toda a sensação do eu e do que ele está fazendo procede do pensamento. Contudo, o que o senhor quer dizer com pensamento não é meramente intelectual?

J.K.: Não, claro que não. O pensamento é o movimento da experiência, do conhecimento e da memória. Ele é todo esse movimento.

D.B.: Parece-me que o senhor está se referindo à consciência como um todo.

J.K.: Como um todo, isso mesmo.

D.B.: E está dizendo que esse movimento é o eu?

J.K.: A totalidade do conteúdo dessa consciência é o eu. Esse eu não é diferente da minha consciência.

D.B.: Sim. Acho que se poderia dizer que eu sou a minha consciência, pois se não estou consciente, eu simplesmente não estou aqui.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Então a consciência é apenas aquilo que o senhor acabou de descrever, o que inclui o pensamento, a sensação, a intenção...

J.K.:...a intenção, as aspirações...

D.B.: ...as recordações...

J.K.: ...as recordações, as crenças, os dogmas, os rituais de cada um. O conjunto, como o computador que foi programado.

D.B.: Sim. Pois bem, certamente isso está na consciência. Todo mundo concordaria, mas muitas pessoas achariam que ela é mais do que isso; que a consciência pode ir além disso.

J.K.: Vejamos. O conteúdo da nossa consciência constitui a consciência.

D.B.: Sim, acho que isso requer uma certa compreensão. O uso comum da palavra conteúdo é bastante diferente. Se você diz que o conteúdo de um copo é água, o copo é uma coisa e a água é outra.

J.K.: A consciência é constituída de tudo aquilo que ela se lembra; crenças, dogmas, rituais, medos, prazeres, tristeza.

D.B.: Sim. Mas se tudo isso estivesse ausente, não haveria consciência?

J.K.: Do modo como a conhecemos, não.

D.B.: Mas ainda haveria uma espécie de consciência?

J.K.: Uma espécie totalmente diferente. Mas a consciência, do modo como a conhecemos, é tudo isso.

D.B.: Do modo como geralmente a conhecemos.

J.K.: Sim. E isso é o resultado das múltiplas atividades do pensamento. O pensamento reuniu tudo isso, que é a minha consciência – as reações, as respostas, as lembranças –, um extraordinário complexo intricado e sutil. Tudo isso constitui a consciência.

D.B.: Como nós a conhecemos.

J.K.: Mas essa consciência tem um futuro?

D.B.: Sim. Ela tem um passado?

J.K.: Naturalmente. A lembrança.

D.B.: A lembrança, sim. Por que então o senhor diz que ela não tem um futuro?

J.K.: Se ela tiver um futuro, será exatamente a mesma espécie de coisa, móvel. As mesmas atividades, os mesmos pensamentos, modificados, mas o padrão se repetirá, sempre.

D.B.: O senhor está dizendo que o pensamento só pode se repetir? .

J.K.: Sim.

D.B.: Mas tem-se a impressão, por exemplo, de que o pensamento pode desenvolver novas idéias.

J.K.: Mas o pensamento é limitado porque o conhecimento é limitado.

D.B.: Bem, sim, isso requer alguma discussão.

J.K.: Sim, precisamos discutir sobre isso.

D.B.: Por que o senhor diz que o conhecimento é sempre limitado?

J.K.: Porque o senhor, como cientista, está experimentando, acrescentando, pesquisando. E depois do senhor algum outro acrescentará mais. Assim, o conhecimento, que nasce da experiência, é limitado.

D.B.: Mas algumas pessoas disseram que ele não é. Elas esperavam obter um conhecimento perfeito, absoluto das leis da natureza.

J.K.: As leis da natureza não são as leis dos seres humanos.

D.B.: Bem, o senhor quer então restringir a discussão ao conhecimento acerca do ser humano?

J.K.: Naturalmente, é só do que podemos falar.

D.B.: Mas pode-se perguntar se esse conhecimento da natureza também é possível.

J.K.: Sim. Estamos falando do futuro do homem.

D.B.: Estamos dizendo, então, que o homem não pode obter um conhecimento ilimitado da psique?

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: Há sempre algo mais que permanece desconhecido.

J.K.: Sim. Há sempre mais e mais coisas desconhecidas. Assim, se admitimos que o conhecimento é limitado, então o pensamento é limitado.

D.B.: Sim, o pensamento depende do conhecimento e o conhecimento não pode abranger todas as coisas. Portanto, o pensamento não será capaz de lidar com tudo o que acontece.

J.K.: Tem razão. Mas é isso o que os políticos e todas as outras pessoas estão fazendo. Elas acham que o pensamento pode resolver todos os problemas.

D.B.: Sim. Pode-se perceber que, no caso dos políticos, o conhecimento é muito limitado; na verdade, é quase inexistente! E, por conseguinte, quando não se tem um conhecimento adequado daquilo com que se está lidando, cria-se confusão.

J.K.: Sim. De modo que, como o pensamento é limitado, a nossa consciência, que foi formada pelo pensamento, é limitada.

D.B.: O senhor poderia esclarecer isso? Quer dizer que só podemos permanecer no mesmo círculo.

J.K.: No mesmo círculo.

D.B.: Mas as pessoas poderiam ser levadas a pensar, tendo-se em vista a ciência, que, embora seu conhecimento seja limitado, elas estão constantemente descobrindo.

J.K.: O que o senhor descobre é acrescentado ao que havia antes, mas ainda é limitado.

D.B.: Ainda é limitado. Eis a questão. Eu posso continuar: acho que uma das idéias subjacentes a uma abordagem científica é que, embora o conhecimento seja limitado, posso descobrir e adaptar-me à realidade.

J.K.: Mas isso também é limitado.

D.B.: Minhas descobertas são limitadas. E há sempre o desconhecido que eu não descobri.

J.K.: E o que estou dizendo. O desconhecido, o ilimitado, não pode ser apreendido pelo pensamento.

D.B.: Sim.

J.K.: Porque o pensamento, em si mesmo, é limitado. Quanto a isso, estamos de acordo; não só estamos de acordo, como também é um fato.

D.B.: Talvez pudéssemos deixar isso mais evidente. Ou seja, o pensamento é limitado, ainda que, intelectualmente, poderíamos considerar que o pensamento não é limitado. Há uma predisposição, uma tendência muito forte para se ter essa sensação – de que o pensamento pode fazer qualquer coisa.

J.K.: Qualquer coisa, não pode. Veja o que ele fez no mundo.

D.B.: Bem, concordo que ele fez algumas coisas terríveis, mas isso não prova que ele está sempre errado. Sabe, talvez o senhor possa lançar a culpa disso sobre as pessoas que o utilizaram erroneamente.

J.K.: Eu sei; essa é uma velha desculpa! Contudo, o pensamento, em si mesmo, é limitado; logo, o que quer que ele faça é limitado.

D.B.: Sim, e o senhor está dizendo que ele é limitado de um modo bastante sério.

J.K.: E verdade. De um modo sem dúvida bastante sério.

D.B.: Poderíamos deixar isso mais claro?

J.K.: É o que está acontecendo no mundo.

D.B.: Muito bem, falemos disso.

J.K.: Os ideais totalitários são uma invenção do pensamento.

D.B.: A própria palavra totalitarista significa que as pessoas queriam abranger a totalidade, mas não puderam.

J.K.: Não puderam.

D.B.: A coisa ruiu.

J.K.: Está ruindo.

D.B.: Contudo, há aqueles que dizem que não são totalitaristas.

J.K.: Mas os democratas, os republicanos, os idealistas, e assim por diante, o pensamento de todos eles é limitado.

D.B.: Sim, e é limitado de um modo...

J.K.: ...bastante destruidor.

D.B.: Poderíamos deixar isso mais claro? Veja, eu poderia dizer: "Muito bem, o meu pensamento é limitado, mas talvez ele não seja tão perigoso." Por que isso é tão importante?

J.K.: É muito simples: porque qualquer ação nascida do pensamento limitado deve inevitavelmente provocar conflito.

D.B.: Sim.

J.K: Como dividir a humanidade religiosamente, ou em nacionalidades, e assim por diante, tem causado estragos no mundo.

D.B.: Sim, relacionemos então isso com a limitação do pensamento. Meu conhecimento é limitado: de que modo isso me leva a dividir o mundo em...

J.K.: Nós não estamos em busca de segurança?

D.B.: Sim. .

J.K.: E pensamos que havia segurança na família, na tribo, no nacionalismo. Portanto, pensamos que havia segurança na divisão.

D.B.: Sim. E assim ela surgiu. Considere, por exemplo, a tribo; podemos nos sentir inseguros e então dizemos: "Com a tribo estou em segurança." Isso é uma conclusão. E eu acho que conheço o bastante para ter certeza de que é assim – mas não conheço. Outras coisas acontecem que eu desconheço e que fazem com que isso se torne muito inseguro. Surgem outras tribos.

J.K.: Não, não! É a divisão que cria a insegurança.

D.B.: Sim, ela ajuda a criá-la, mas estou tentando dizer que não conheço o suficiente para saber isso. Eu não *vejo* isso.

J.K.: Mas não vemos isso porque não pensamos a respeito de nada, não olhamos para o mundo como um todo.

D.B.: Bem, o pensamento que visa segurança procura conhecer tudo o que é importante. Assim que ele conhece tudo que é importante, ele diz: "Isto trará segurança." Mas há uma porção de coisas que ele ainda não conhece e uma delas é que seu próprio pensamento é analítico.

J.K.: Sim, em si mesmo ele é limitado. Tudo o que é limitado deve inevitavelmente criar conflito. Se eu digo, sou um indivíduo, isso é limitado.

D.B.: Sim.

J.K.: Eu estou interessado em mim mesmo; isso é muito limitado.

D.B.: Precisamos deixar isso claro. Se eu digo, esta é uma mesa a qual é limitada, isso não cria nenhum conflito.

J.K.: Não, não há nenhum conflito aí.

D.B.: Mas quando digo, este sou "eu", isso cria conflito.

J.K.: O "eu" é uma entidade analítica.

D.B.: Mostre-nos mais claramente por quê.

J.K.: Porque ela é divergente; está interessada em si mesma. O "eu" que se identifica com a grande nação é ainda analítico.

D.B.: Eu me defino no interesse da segurança, de modo que sei o que sou enquanto oposto ao que o senhor é, e eu me protejo. Todavia, isso cria uma divisão entre mim e o senhor.

J.K.:: Entre nós e eles, e assim por diante.

D.B.: Pois bem, isso provém de meu pensamento limitado, porque eu não reconheço que, na realidade, estamos intimamente relacionados e interligados.

J.K.: Somos seres humanos, e todos os seres humanos têm mais ou menos os mesmos problemas.

D.B.: Não, eu não entendi isso. Meu conhecimento é limitado; acho que podemos fazer uma distinção e nos proteger; proteger a mim mesmo e não aos outros.

J.K.: Sim, é verdade.

D.B.: Mas, ao agir desse modo, eu crio imediatamente a instabilidade.

J.K.: Sim, a insegurança. Portanto, se reconhecemos, não apenas intelectualmente ou verbalmente, mas de fato, que somos o resto da humanidade, então a responsabilidade torna-se imensa.

D.B.: Bem, e o que o senhor pode fazer quanto a essa responsabilidade?

J.K.: Então, ou eu contribuo com toda a confusão ou me mantenho longe dela.

D.B.: Acho que tocamos num ponto importante. Dissemos que o todo da humanidade, da raça humana, é uno e que, portanto, criar a divisão é...

J.K.: **...**perigoso.

D.B.: Sim. Ao passo que criar divisão entre mim e a mesa não é perigoso, porque num certo sentido elas não são uma coisa só.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Ou seja, apenas num sentido bastante geral estamos em uníssono. Contudo, o gênero humano não compreende que ele é a mesma coisa.

J.K.: Por quê?

D.B.: Vejamos. Essa é uma questão crucial. Há tantas divisões, não só entre nações e religiões, mas também entre uma pessoa e outra.

J.K.: Por que há essa divisão?

D.B.: A sensação é a de que, pelo menos na era moderna, cada ser humano é um indivíduo. Talvez isso não tenha sido tão forte no passado.

J.K.: É isso o que eu ponho em dúvida. Duvido se somos realmente indivíduos.

D.B.: Essa é uma dúvida e tanto...

J.K.: Naturalmente. Dissemos há pouco que a consciência, que sou eu, é similar ao resto da humanidade. Todos sofrem, todos têm medo, são inseguros; todo mundo tem seus deuses e rituais particulares, e tudo isso produzido pelo pensamento.

D.B.: Acho que temos aqui duas questões. Uma, que nem todo mundo reconhece que é igual aos outros. Muitas pessoas acham que têm alguma diferença que é única...

J.K.: O que o senhor quer dizer com "diferença única"? Diferença no fazer alguma coisa?

D.B.: Pode haver muitas coisas. Por exemplo, uma nação pode achar que ela é capaz de fazer certas coisas melhor do que outra;

Uma pessoa tem algumas coisas especiais que ela faz, ou uma qualidade particular...

J.K.: Naturalmente. Sempre há alguém que é melhor nisto ou naquilo.

D.B.: Ela pode se orgulhar de suas próprias habilidades ou superioridade.

J.K.: Mas quando pomos isso de lado, somos basicamente idênticos.

D.B.: O senhor está dizendo que essas coisas que acabamos de descrever são...

J.K.: ...superficiais.

D.B.: Sim. Quais são, então, as coisas básicas?

J.K.: O medo, a tristeza, a dor, a ansiedade, a solidão e toda a labuta humana.

D.B.: Mas muitas pessoas poderiam achar que as coisas básicas são as supremas realizações humanas. Em primeiro lugar, as pessoas podem se orgulhar das conquistas humanas nas áreas científica, artística, cultural e tecnológica.

J.K.: Temos, sem dúvida, avançado em todas essas direções. Fizemos grandes progressos na tecnologia, na comunicação, nos meios de transporte, na medicina, na cirurgia.

D.B.: Sim, em muitos aspectos isso é realmente extraordinário.

J.K.: Não há dúvida quanto a esse respeito. Mas, psicologicamente, o que realizamos?

D.B.: Nada disso nos afetou psicologicamente.

J.K.: Sim, exato.

D.B.: E a questão psicológica é mais importante do que todas as outras porque, se não for resolvida, tudo o mais é perigoso,

J.K.: Sim. Se permanecermos psicologicamente limitados, então tudo o que fizermos será limitado e a tecnologia será então usada por nossa limitada...

D.B.: ...sim, o que domina é essa psique limitada e não a estrutura racional da tecnologia. E, de fato, a tecnologia torna-se então um instrumento perigoso. Portanto, temos aqui um ponto: que a psique está no centro de tudo isso e, se a psique não estiver em boas condições, então o resto será inútil. Por conseguinte, embora digamos que há certos desarranjos básicos na psique comum a todos nós, podemos ter um potencial para algo mais. O próximo ponto é: somos, realmente, a mesma coisa? Ainda que sejamos iguais, isso não significa que somos idênticos, que somos a mesma coisa.

J.K.: Dissemos que, em nossa consciência, todos basicamente pisamos no mesmo chão.

D.B.: Sim, a partir do fato de que o corpo humano é semelhante, mas isso não prova que eles todos sejam iguais.

J.K.: Claro que não. O seu corpo é diferente do meu.

D.B.: Sim, estamos em lugares diferentes, somos entidades diferentes, e assim por diante. Mas acho que o senhor está dizendo que a consciência não é uma entidade individual...

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: O corpo é uma entidade que tem certa individualidade.

J.K.: Isso tudo parece bastante claro. O seu corpo é diferente do meu. Tenho um nome diferente do seu.

D.B.: Sim, somos diferentes. Embora feitos do mesmo material, somos diferentes. Não podemos intercambiar-nos porque as proteínas de um corpo talvez não combinem com as do outro. Contudo, muitas pessoas pensam desse modo a respeito da mente, dizendo que há uma química entre as pessoas que pode combinar ou não.

J.K.: Sim, mas, na verdade, se o senhor examinar mais profundamente a questão, a consciência é compartilhada por todos os seres humanos.

D.B.: Contudo, a sensação é a de que a consciência é individual e que é comunicada...

J.K.: Acho que isso é uma ilusão, porque estamos nos agarrando em algo que não é verdadeiro.

D.B.: O senhor quer dizer que há uma só consciência humana?

J.K.: Uma só.

DB.: Isso é importante, porque saber se ela é muitas ou uma só é uma questão crucial.

J.K.: Sim.

D.B.: Ela poderia ser muitas, que estão se comunicando entre si e construindo a unidade mais ampla. Ou o senhor está dizendo que, desde o princípio, ela é uma única consciência?

J.K.: Desde o princípio ela é uma única consciência.

D.B.: E o sentimento de separação é uma ilusão?

J.K.: É exatamente isso o que venho dizendo. Isso parece tão lógico, tão sensato. Qualquer outra idéia seria uma insensatez.

D.B.: Sim, mas as pessoas não percebem, pelo menos não imediatamente, que a noção de existência separada seja uma insensatez, porque extrapola do corpo para a mente. Dizemos que é muito sensato afirmar que meu corpo está separado do seu e que dentro do meu corpo está a minha mente. O senhor está dizendo então que a mente não está dentro do corpo?

J.K.: Essa é uma questão totalmente diferente. Vamos primeiro concluir a outra. Cada um de nós pensa que somos, psiquicamente, indivíduos separados... O que fizemos no mundo foi uma tremenda confusão.

D.B.: Bem, se pensarmos que somos separados quando não somos separados, sem dúvida será uma tremenda confusão.

J.K.: É isso o que está acontecendo. Cada um pensa que ele precisa fazer aquilo que ele quer fazer; realizar-se a si mesmo. Desse modo, ele se esforça em seu isolamento para alcançar a paz, obter segurança, e essa segurança e essa paz são totalmente negadas.

D.B.: A razão de elas serem negadas é porque não há separação. Veja: se de fato houvesse separação, seria racional tentar fazer alguma coisa. Mas se estamos tentando separar o que é inseparável, o resultado será o caos.

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: Pois bem, isso está claro, mas acho que para as pessoas não é tão evidente assim que a consciência da humanidade seja um todo uno e inseparável.

J.K.: Sim, um todo inseparável.

D.B.: Muitas perguntas surgirão se levarmos em conta essa noção, mas acho que ainda não a examinamos suficientemente. Por exemplo, uma pergunta seria: por que pensamos que somos separados?

J.K.: Por que penso que sou separado? Esse é o meu condicionamento.

D.B.: Sim, mas como chegamos a adotar um condicionamento tão absurdo?

J.K.: Desde a infância: este brinquedo é meu, e não seu.

D.B.: Mas o que me leva a ter a sensação de que "isto é meu" é, antes de tudo, o sentimento de que sou separado. Não está claro como a mente, que é uma só, chega a essa ilusão de que está estilhaçada em múltiplos fragmentos.

J.K.: Acho que se trata, uma vez mais, da atividade do pensamento. O pensamento, por sua mesma natureza, é analítico, fragmentário; portanto, eu sou um fragmento.

D.B.: O pensamento criará uma sensação de fragmentos. O senhor há de concordar, por exemplo, que, a partir do momento em que decidimos estabelecer-nos como nação, pensaremos que estamos separados de outras nações, e a série de conseqüências que daí resulta faz com que isso tudo pareça real, sem nenhuma dependen-

cia. Temos línguas diferentes, uma bandeira diferente e estabelecemos uma fronteira. E, após algum tempo, vemos tanta evidência de separação que esquecemos como ela começou, e dizemos que ela sempre existiu, que estamos apenas dando seqüência àquilo que sempre existiu.

J.K.: Naturalmente. É por isso que eu acho que, se chegarmos a compreender a natureza e a estrutura do pensamento, de que modo o pensamento funciona, qual é a origem do pensamento – e, portanto, que ele sempre é limitado –, se compreendermos realmente isso, então...

D.B.: E qual é a origem do pensamento? A memória?

J.K.: A memória. A lembrança das coisas passadas, que é conhecimento, e o conhecimento é o resultado da experiência, e a experiência sempre é limitada.

D.B.: O pensamento também inclui, naturalmente, o esforço no sentido de avançar, de usar a lógica, de levar em conta as descobertas e a percepção direta da realidade.

J.K.: Como dizíamos há pouco, o pensamento é tempo.

D.B.: Exato. O pensamento é tempo. Isso também requer uma discussão mais ampla, porque a primeira reação é dizer que o tempo precede o pensamento e que este ocorre no tempo.

J.K.: Ah, não.

D.B.: Por exemplo, se o movimento está acontecendo, se o corpo está se movendo, isso requer tempo.

J.K.:*:* Para ir daqui até ali, o tempo é necessário. Para se aprender uma língua, o tempo é necessário.

D.B.: Sim. Para crescer, uma planta precisa de tempo.

J.K.: Pintar um quadro requer tempo.

D.B.: Dizemos também que pensar requer tempo.

J.K.: Pensamos, assim, em termos de tempo.

D.B.: Sim, a primeira questão que estaríamos inclinados a examinar é a de que, se todas as coisas ocorrem no tempo, pensar toma tempo? O senhor vai além, o senhor está dizendo que o pensamento é tempo.

J.K.: O pensamento é tempo.

D.B.: Psicologicamente falando.

J.K.: Psicologicamente, é claro.

D.B.: Pois bem, mas como entendemos isso?

J.K.: Como entendemos o quê?

D.B.: Que o pensamento é tempo. Veja, isso não é óbvio.

J.K.: Oh, sim. O senhor diria que o pensamento é movimento e que o tempo é movimento.

D.B.: E movimento. Veja, o tempo é uma coisa misteriosa: as pessoas têm discutido sobre ele. Poderíamos dizer que o tempo requer movimento. Eu entendo que não podemos ter tempo sem movimento.

J.K.: O tempo é movimento. O tempo não está separado do movimento.

D.B.: Não digo que ele esteja separado do movimento... Veja, se dissermos que o tempo e o movimento são um...

J.K.:: Sim, é o que estamos afirmando.

D.B.: Eles não podem ser separados?

J.K.: Não.

D.B.: Isso parece bastante claro. Pois bem, há movimento físico, que significa um tempo físico.

J.K.: Tempo físico, quente e frio, e também escuro e claro...

D.B.: ...as estações...

J.K.: ...o pôr-do-sol e o nascer do sol. Tudo isso.

D.B.: Sim. Pois bem, temos então o movimento do pensamento. Isso leva à questão da sua natureza. O pensamento nada mais é do que um movimento no sistema nervoso, no cérebro? O senhor diria isso?

J.K.: Sim.

D.B.: Algumas pessoas afirmam que ele inclui o movimento do sistema nervoso, mas que poderia haver algo mais.

J.K.: O que é, realmente, o tempo? Tempo é esperança.

D.B.: Psicologicamente.

J.K.: Psicologicamente. Por ora estou falando no sentido exclusivamente psicológico. Esperança é tempo. Transformação é tempo. Realização é tempo. Considere agora a questão do devir, do chegar a ser. Quero chegar a ser alguma coisa, psicologicamente. Eu quero chegar a ser não-violento. Considere isso um exemplo. Isso não passa de uma falácia.

D.B.: Compreendemos que é uma falácia, mas a razão pela qual é uma falácia é que não há nenhum tempo desse tipo, não é isso?

J.K.: Não. Os seres humanos são violentos.

D.B.: Sim.

J.K.: E eles falaram bastante – Tolstoi, e na Índia – sobre a não-violência. O fato é que somos violentos. E a não-violência não é real. Mas queremos nos tornar não-violentos.

D.B.: Mas trata-se de novo de uma ampliação do tipo de pensamento que temos com relação às coisas materiais. Se o senhor vê um deserto, o deserto é real; e o senhor diz que o jardim não é real, mas na sua mente está o jardim que surgirá quando o senhor colocar a água ali. Dizemos, assim, que podemos traçar planos para o futuro, quando o deserto se tornará fértil. Contudo, precisamos ter cuidado: dizemos que somos violentos mas que não podemos, por meio de um planejamento análogo, nos tornarmos não-violentos.

J.K.: Não.

D.B.: Por que isso?

J.K.: Por quê? Porque o estado não-violento não pode existir quando há violência. Trata-se apenas de um ideal.

D.B.: Precisamos deixar isso mais claro: no mesmo sentido, o estado fértil e o deserto tampouco coexistem. Acho que você está dizendo que, no caso da mente, quanto se é violento, a não-violência não tem sentido.

J.K.: A violência é o único estado.

D.B.: É só o que existe.

J.K.: Sim, e não o outro.

D.B.: O movimento em direção ao outro estado é ilusório.

J.K.: De modo que todos os ideais são ilusórios, psicologicamente. O ideal de construir uma ponte magnífica não é ilusório. O senhor pode planejá-la, mas ter ideais psicológicos...

D.B.: Sim, se o senhor é violento e continua sendo violento enquanto está tentando ser não-violento, não faz sentido.

J.K.: Nenhum sentido, e no entanto isso se tornou uma coisa tão importante! O chegar a ser, consiste ou em chegar a ser "o que é" ou em chegar a ser alguma coisa diferente "do que é".

D.B.: Sim. "O que deveria ser". Se o senhor diz que não pode haver nenhum sentido em querer chegar a ser algo melhor, no auto-aperfeiçoamento, isso é...

J.K.: Oh, o auto-aperfeiçoamento é uma coisa tão feia. Estamos dizendo que a origem de tudo é um movimento do pensamento enquanto tempo. A partir do momento em que fazemos do tempo algo psicologicamente importante, todos os outros ideais, a não-violência, a conquista de algum estado superior e assim por diante, tornam-se absolutamente ilusórios.

D.B.: Sim. Quando o senhor fala do movimento do pensamento como tempo, parece-me que esse tempo que provém do movimento do pensamento é ilusório.

J.K.: Sim.

D.B.: Nós o sentimos como tempo, mas não é um tipo real de tempo.

J.K.: E por isso que perguntamos, o que é o tempo?

D.B.: Sim.

J.K.: Eu preciso de tempo para ir daqui ali. Preciso de tempo se quiser aprender engenharia, tenho de estudar; isso leva tempo. Esse mesmo movimento é transferido para a psique. Dizemos: preciso de tempo para ser bom. Preciso de tempo para alcançar a iluminação.

D.B.: Sim, isso sempre criará um conflito. Uma parte do senhor e a outra. Assim, esse movimento no qual o senhor diz: preciso de tempo – também cria uma divisão na psique. Entre o observador e o observado.

J.K.: Sim, estamos dizendo que o observador é o observado.

D.B.: E portanto psicologicamente, não há tempo.

J.K.: Isso mesmo. O experimentador, o pensador, é o pensado. Não há nenhum pensador separado do pensamento.

D.B.: Tudo isso que o senhor está dizendo parece bastante razoável, mas acho que isso se opõe de tal modo à nossa tradição que será extraordinariamente difícil para as pessoas em geral entender.

J.K.: A maioria das pessoas deseja apenas um modo cômodo de viver: "Deixe-me continuar como sou, pelo amor de Deus, deixe-me em paz!"

D.B.: Penso que isso é o resultado de tanto conflito e as pessoas querem evitá-lo.

J.K.: Mas o conflito existe, queiramos ou não. Portanto, a questão é a seguinte: é possível levar uma vida sem conflito?

D.B.: Sim, isso está implícito em tudo o que dissemos. A fonte do conflito é o pensamento, ou o conhecimento, ou o passado.

J.K.: A questão então é: será possível transcender o pensamento?

D.B.: Sim.

J.K.: Ou é possível acabar com o conhecimento? Estou falando no sentido psicológico...

D.B.: Sim. Dizemos que o conhecimento dos objetos materiais e das coisas desse gênero, o conhecimento científico, continuará.

J.K.: Certamente. Precisa continuar.

D.B.: Mas o que o senhor chama de autoconhecimento é aquilo que o senhor está dizendo que deve acabar, não é?

J.K.: Sim.

D.B.: Por outro lado, as pessoas dizem – até mesmo o senhor tem dito – que o conhecimento de si mesmo é muito importante.

J.K.: O autoconhecimento é importante, mas se preciso de tempo para me conhecer, se digo, eu me conhecerei finalmente por meio do estudo, da análise, observando todos os meus relacionamentos com os outros e assim por diante – tudo isso envolve tempo. E eu digo que há um outro modo de se examinar tudo isso, sem o tempo. Ou seja, quando o observador é o observado.

D.B.: Sim.

J.K.: Nessa observação não existe o tempo.

D.B.: Poderíamos examinar isso um pouco mais? Quero dizer, por exemplo, quando o senhor afirma que o tempo não existe, mas mesmo assim o senhor sente que pode se lembrar de que uma hora atrás estava em outro lugar. Pois bem, em que sentido podemos negar a existência do tempo?

J.K.: O tempo é divisão. Assim como o pensamento é divisão. É por isso que o pensamento é tempo.

D.B.: O tempo é uma série de divisões de passado, presente e futuro.

J.K.: O pensamento é analítico. Assim, o tempo é pensamento. Ou o pensamento é tempo.

D.B.: Não se pode deduzir rigorosamente isso do que o senhor disse...

J.K.: Vejamos.

D.B.: Sim. À primeira vista, acharíamos que o pensamento cria divisões de toda espécie, com a régua e com todo tipo de instrumentos, ele também separa intervalos de tempo: passado, presente e futuro. Contudo, isso não basta para se concluir que o pensamento é tempo.

J.K.: Olhe, nós dissemos que o tempo é movimento.

D.B.: Sim.

J.K.: O pensamento também é uma série de movimentos. Assim, ambos são movimentos.

D.B.: O pensamento é um movimento, suponhamos, do sistema nervoso e...

J.K.: Veja, é um movimento de vir a ser. Estou falando psicologicamente.

D.B.: Psicologicamente. Mas, sempre que o senhor pensa, alguma coisa também está se movendo no sangue, nos nervos, e assim por diante. Quando o senhor fala de um movimento psicológico, está se referindo apenas a uma mudança de conteúdo?

J.K.: Mudança de conteúdo?

D.B.: Bem, o que é o movimento? O que está se movendo?

J.K.: Olhe, eu sou isto, e estou tentando tornar-me, psicologicamente, uma outra coisa.

D.B.: Portanto, esse movimento está no conteúdo do seu pensamento?

J.K.: Sim. .

D.B.: Se digo, "Eu sou isto e estou tentando tornar-me aquilo", então estou em movimento. Pelo menos, sinto que estou em movimento.

J.K.: Digamos, por exemplo, que eu seja ganancioso. A ganância é um movimento.

D.B.: De que tipo?

J.K.: Conseguir o que eu desejo, conseguir mais. É um movimento.

D.B.: Está certo.

***J.K.:**:* E eu sinto que esse movimento é doloroso. Então eu tento não ser ganancioso.

D.B.: Sim.

J.K.: A tentativa de não ser ganancioso é um movimento do tempo, é o devir.

D.B.: Sim, mas a ganância também está se tornando.

J.K.: Naturalmente. Portanto, a verdadeira questão seria: é possível, psicologicamente, não se transformar?

D.B.: Parece que isso exigiria que a pessoa não fosse nada psicologicamente. Assim que o senhor, de algum modo, se definir, então...

J.K.: Não; isso nós definiremos dentro de um minuto ou dois.

D.B.: Eu quis dizer que, se me defino como ganancioso, se digo que sou ganancioso, ou que sou isto ou aquilo, então ou estarei querendo tornar-me alguma outra coisa ou permanecer sendo o que sou.

J.K.: Mas posso permanecer sendo o que sou? Posso permanecer não com a não-ganância, mas com a ganância? A ganância não é diferente de mim; a ganância sou eu.

D.B.: O modo habitual de se pensar é que eu estou aqui, e que poderia ser ganancioso ou não.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Como se esses fossem atributos que posso ter ou não ter.

J.K.: Mas eu sou os atributos.

D.B.: Entretanto, uma vez mais isso se opõe, e muito, à nossa linguagem e experiência comuns.

J.K.: Eu sou todas as qualidades, os atributos, as virtudes, os juízos, as conclusões e opiniões.

D.B.: Parece-me que isso teria de ser percebido imediatamente...

J.K.: Essa é a questão. Perceber a totalidade de todo esse movimento, instantaneamente. Agora nós chegamos ao ponto principal – parece um pouco estranho e talvez um pouco maluco, mas não é –: é possível perceber sem todo o movimento da memória? Perceber alguma coisa diretamente, sem a palavra, sem a reação, sem que as lembranças se introduzam na percepção.

D.B.: Essa é uma questão muito importante, porque a memória intervém constantemente na percepção. Isso nos leva a perguntar: o que impedirá a memória de se introduzir na percepção?

J.K.: Nada pode impedi-Ia. Mas se vemos a razão, a racionalidade da atividade da memória, a qual é limitada – na própria percepção que é limitada, saímos da memória e penetramos em outra dimensão.

D.B.: Parece-me que o senhor precisa perceber a limitação da memória na sua totalidade.

J.K.: Sim, e não uma parte.

D.B.: O senhor pode observar que, de modo geral, a memória é limitada, mas há muitos aspectos em que isso não é óbvio. Por exemplo, muitas de nossas reações que não são óbvias podem ser

memória, mas não as experimentamos como memória. Suponhamos que eu esteja em transformação: eu sinto ganância e quero me tornar menos ganancioso. Posso me lembrar de que sou ganancioso mas penso que esse "eu" é aquele que se lembra, e não o contrário, não que é a memória que cria o "eu" – certo?

J.K.: Na verdade, isso tudo se reduz à pergunta: pode a humanidade viver sem conflito? Trata-se basicamente disso. Podemos ter paz nesta terra? As atividades do pensamento nunca resultam em paz.

D.B.: Do que foi dito, parece claro que a atividade do pensamento não pode produzir a paz: gerar o conflito é algo que lhe é inerente.

J.K.: Sim, se nós realmente percebêssemos isso, toda a nossa atividade seria totalmente diferente.

D.B.: Mas o senhor está dizendo então que há uma atividade que não é pensamento? Que está além do pensamento?

J.K.: Sim.

D.B.: E que não só está além do pensamento mas que também não requer a cooperação do pensamento? Que é possível que essa atividade continue quando o pensamento está ausente?

J.K.: Este é o ponto fundamental. Já discutimos isso muitas vezes: se há alguma coisa além do pensamento. Não alguma coisa santa, sagrada – não estamos falando disso. Estamos querendo saber é, existe uma atividade que não seja influenciada pelo pensamento. E dizemos que ela existe. E que essa atividade é a forma suprema da inteligência.

D.B.: Sim; introduzimos agora a inteligência.

J.K.: Eu sei, eu a introduzi de propósito! A inteligência não é a atividade do pensamento astuto. Existe a inteligência para se construir uma corda...

D.B.: Bem, a inteligência pode utilizar o pensamento, como o senhor já disse muitas vezes. Ou seja, o pensamento pode ser a ação da inteligência – poderíamos nos expressar assim?

J.K.: Sem dúvida.

D.B.: Ou poderia ser a ação da memória?

J.K.: Aí é que está. Também pode ser a ação nascida da memória, e como a memória é limitada, o pensamento é limitado e tem sua própria atividade, a qual produz então o conflito...

D.B.: Acho que isso se relaciona com o que as pessoas estão dizendo a respeito dos computadores. Cada computador deve, em última instância, estar subordinado a alguma espécie de memória, programada, que é introduzida neles. E deve, por força, ser limitada.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Portanto, quando operamos a partir da memória, não somos muito diferentes de um computador; talvez seja o contrário, o computador é que não é muito diferente de nós.

J.K.: Eu diria que um hindu tem sido programado, durante os últimos cinco mil anos, para ser um hindu; ou, neste país, vocês têm sido programados como um inglês, como um católico ou um protestante. Assim, todos somos, até certo ponto, programados.

D.B.: Sim, mas o senhor está introduzindo a noção de uma inteligência que está livre de programação, que é criativa, talvez...

J.K.: Sim. Essa inteligência não tem nada a ver com a memória, com o conhecimento.

D.B.: Ela pode atuar na memória e no conhecimento mas não tem nada a ver com isso...

J.K.: Isso mesmo. Eu quero dizer: como o senhor descobre se essa inteligência tem alguma realidade e não é apenas imaginação ou uma ficção romântica? Para se chegar a isso, é necessário examinar toda a questão do sofrimento, se há um fim para o sofrimento. E enquanto o sofrimento, o medo e a busca do prazer existirem, não pode haver amor.

D.B.: Temos aqui muitas questões. Sofrimento, prazer, medo, raiva, violência e ganância – tudo isso são respostas da memória.

J.K.: Sem dúvida.

D.B.: Não têm nada a ver com a inteligência.

J.K.: Todos são parte do pensamento e da memória.

D.B.: E enquanto isso continuar, parece que a inteligência não pode operar no pensamento, ou através do pensamento.

J.K.: Isso mesmo. Precisamos, portanto, nos libertar do sofrimento.

D.B.: Bem, esse é ponto fundamental.

J.K.: Essa é uma questão realmente muito séria e profunda: se é possível acabar com o sofrimento, que é o fim do eu.

D.B.: Sim, pode parecer redundante, mas a sensação é a de que eu estou aqui, e que posso sofrer ou não. Ou desfruto as coisas ou sofro. Contudo, acho que o senhor está dizendo que o sofrimento provém do pensamento; que ele é pensamento.

J.K.: Identificação. Apego.

D.B.: Então, quem é que sofre? A memória pode produzir prazer e, desse modo, quando ela não é eficaz, produz o oposto do sentimento de prazer – dor e sofrimento.

J.K.: E não só isso. O sofrimento é muito mais complexo, não é?

D.B.: Sim.

J.K.: O que é o sofrimento? O significado da palavra é ter dor, aflição, sentir-se completamente perdido, só.

D.B.: Parece-me que não é apenas dor, mas uma espécie de dor muito penetrante, total...

J.K.: Mas o sofrimento é a perda de alguém.

D.B.: Ou a perda de alguma coisa muito importante.

J.K.: Sim, naturalmente. A perda de minha esposa, de meu filho, irmão, ou do que quer que seja, e a desesperadora sensação de solidão.

D.B.: Ou simplesmente o fato de que o mundo todo está caminhando para essa situação.

J.K.: Naturalmente... Todas as guerras.

D.B.: Isso faz com que todas as coisas percam o sentido.

J.K.: As guerras causaram muito sofrimento. E as guerras existem há milhares de anos. E por isso que estou dizendo que estamos prosseguindo com o mesmo padrão dos últimos cinco mil anos ou mais...

D.B.: Pode-se facilmente constatar que a violência e o ódio presente nas guerras vão interferir com a inteligência.

J.K.: Isso é óbvio.

D.B.: Mas algumas pessoas acham que através do sofrimento elas se tornam...

J.K.: ...inteligentes?

D.B.: ...purificadas, como se tivessem passado por um crisol.

J.K.: Eu sei. Que através do sofrimento você aprende. Que através do sofrimento o seu ego desaparece, se dissolve.

D.B.: Sim, se dissolve, aprimora-se.

J.K.: Não é verdade. As pessoas sofreram muito, quantas guerras, quantas lágrimas, sem falar da natureza destruidora dos governos. E o desemprego, a ignorância. . .

D.B.: ...ignorância da doença, da dor, de tudo. Mas o que é realmente o sofrimento? Por que ele destrói a inteligência, ou a impede? O que acontece?

J. K.: O sofrimento é um choque; – eu sofro, tenho uma dor – eis a essência do "eu".

D.B.: A dificuldade em relação ao sofrimento é que o eu é que está ali, que está sofrendo.

J.K.: Sim.

D.B.: E, de algum modo, esse eu está sentindo realmente pena de si mesmo.

J.K.: O meu sofrimento é diferente do seu.

D.B.: Sim, ele se isola. Cria um tipo de ilusão.

J.K.: Não percebemos que o sofrimento é compartilhado por toda a humanidade.

D.B.: Sim, mas e se chegássemos a perceber que ele é compartilhado por toda a humanidade?

J.K.: Então começo a questionar o que é o sofrimento. Ele não é o meu sofrimento.

D.B.: Isso é importante. Para compreender a natureza do sofrimento, preciso me desfazer dessa idéia de que ele é o *meu* sofrimento porque, enquanto acreditar que ele é meu, terei uma noção ilusória do problema como um todo.

J.K.: E nunca poderei acabar com ele.

D.B.: Se você está lidando com uma ilusão, nada pode ser feito a respeito dela. Veja por quê. Temos de voltar um pouco. Por que o sofrimento é o sofrimento de muitos? A princípio, parece que eu sinto dor de dente, ou então sofro alguma perda, ou alguma coisa me aconteceu, enquanto a outra pessoa parece perfeitamente feliz. .

J.K.: Feliz, sim. Mas ela também está sofrendo a seu modo.

D.B.: Sim. No momento, ela não percebe, mas ela também tem os seus problemas.

J.K.: O sofrimento é comum a toda a humanidade.

D.B.: Mas o fato de ser comum não é suficiente para torná-lo o mesmo para todos.

J.K.: Ele é real.

D.B.: O senhor está dizendo que o sofrimento humano é único, inseparável?

J.K.: Sim, é o que eu venho dizendo.

D.B.: Assim como a consciência humana?

J.K.: Sim, isso mesmo.

D.B.: De modo que quando alguém sofre, toda a humanidade está sofrendo?

J.K.: A questão é a seguinte: temos sofrido desde o princípio e nunca encontramos uma solução para isso. Não acabamos com o sofrimento.

D.B.: Mas eu acho que o senhor disse que a razão pela qual não encontramos uma solução é porque o consideramos como algo pessoal, ou pertencente a um pequeno grupo... e isso é uma ilusão.

J.K.: Sim.

D.B.: E qualquer tentativa de se lidar com uma ilusão não pode resolver coisa alguma.

J.K.: O pensamento não pode resolver nada psicologicamente.

D.B.: Porque o senhor pode dizer que o próprio pensamento divide. O pensamento é limitado e incapaz de perceber que esse sofrimento é único. Desse modo, ele o divide em meu e seu.

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: E isso cria a ilusão, que só pode multiplicar o sofrimento. Parece-me então que a afirmação de que o sofrimento humano é único, não pode ser separado da afirmação de que a consciência humana é única.

J.K.: O mundo sou eu: eu sou o mundo. Mas nós o dividimos em mundo inglês, mundo francês, e todos os demais!

D.B.: O que o senhor quer dizer com mundo? O mundo físico ou o mundo da sociedade?

J.K.: O mundo da sociedade, principalmente o mundo psicológico.

D.B.: Dizemos então que o mundo da sociedade, dos seres humanos, é um só, e o que significa quando digo que eu sou esse mundo?

J.K.: Que o mundo não é diferente de mim.

D.B.: O mundo e eu somos um. Somos inseparáveis.

J.K.: Sim. E essa é a verdadeira meditação; você precisa sentir isso, não apenas como uma afirmação verbal; trata-se de uma realidade. Eu sou o guarda do meu irmão.

D.B.: Muitas religiões disseram isso.

J.K: Trata-se apenas de uma declaração verbal; elas não a assumem, não a praticam em seus corações.

D.B.: Talvez haja algumas pessoas que a pratiquem, mas, de modo geral, isso não é feito?

J.K.: Não sei se alguém já fez isso. Nós, os seres humanos, não o fazemos. Na verdade, nossas religiões impedem essa prática.

D.B.: Devido à divisão? Cada religião tem suas próprias crenças e sua própria organização.

J.K.: E natural. Seus próprios deuses e seus próprios salvadores.

D.B.: Sim.

J.K.: Assim sendo, essa inteligência é real? Você compreende a minha pergunta? Ou trata-se de alguma espécie de projeção fantasiosa, na esperança de que ela resolverá nossos problemas? Eu não penso assim. Ela é uma realidade. Porque o fim do sofrimento significa amor.

D.B.: Antes de prosseguirmos, vamos esclarecer um ponto acerca do "eu". Veja, o senhor disse: "Eu não penso assim". Parece então, que num certo sentido, o senhor ainda está definindo um indivíduo. Está certo?

J.K.: Sim. Estou usando a palavra "eu" como um meio de comunicação.

D.B.: Mas o que ela significa? De algum modo, pode haver, digamos, duas pessoas, por exemplo, "A", que pensa como o senhor, e "B" que não pensa como o senhor, certo?

J.K.: Sim.

D.B.: Pois bem. "A" diz para ele que isso não é uma fantasia – o que parece criar uma divisão entre "A" e "B".

J.K.: É verdade. Mas "B" cria a divisão.

D.B.: Por quê?

J.K.: Qual é o relacionamento entre os dois?

D.B.: "B" está criando a divisão ao dizer: "Eu sou uma pessoa à parte. Mas "B" pode ficar mais confuso ainda quando "A" diz: "Não penso assim" – correto?

J.K.: Esse é todo o problema do relacionamento, não é? O senhor sente que não está separado, e que o senhor realmente tem esse sentimento de amor e compaixão, e eu não tenho. Eu nem sequer percebi ou me preocupei com o problema. Qual é o seu relacionamento comigo? O senhor tem um relacionamento comigo mas eu não tenho nenhum relacionamento com o senhor.

D.B.: Bem, acho que se poderia dizer que a pessoa que não percebeu está praticamente vivendo num mundo de sonhos, psicologicamente, e por conseguinte o mundo de sonhos não está relacionado com o mundo de quem está desperto.

J.K.: Tem razão.

D.B.: Mas o que está desperto talvez possa pelo menos despertar o outro.

J.K.: O senhor está desperto; eu não. Portanto, seu relacionamento comigo é bastante claro. Mas eu não tenho nenhum relacionamento com o senhor; não posso tê-lo. Eu insisto na divisão, e o senhor não.

D.B.: Sim, devemos dizer que, de algum modo, a consciência humana dividiu-se; ela é una mas dividiu-se através do pensamento. E é por isso que estamos nesta situação.

J.K.: *Exatamente* por isso. Todos os problemas que a humanidade hoje enfrenta, tanto psicologicamente, como nas outras esferas, são o resultado do pensamento. E nós estamos alimentando o mesmo padrão de pensamento, e o pensamento nunca solucionará nenhum desses problemas. Há contudo um outro tipo de instrumento que é a inteligência.

D.B.: Bem, isso nos leva a um assunto totalmente diferente. E o senhor também mencionou o amor. E a compaixão.

J.K.: Sem amor e compaixão não há inteligência. E o senhor não pode ser compassivo se estiver vinculado a alguma religião, se estiver amarrado a um poste como um animal...

D.B.: Sim; logo que o eu for ameaçado, ele não poderá...

J.K.: Veja, o eu se esconde atrás de...

D.B.: ...outras coisas. Quero dizer, de nobres ideais.

J.K.: Sim, ele tem uma capacidade incrível de se esconder. Assim sendo, qual é o futuro da humanidade? A julgar pelo que se observa, ela está a caminho da destruição.

D.B.: Sim, parece ser esse o seu caminho.

J.K.: Bastante sombrio, assustador e perigoso. Se alguém tiver filhos, qual será o futuro deles? Adaptar-se a tudo isso? E passar por toda essa miséria. Desse modo, a educação torna-se extremamente importante. Mas hoje, a educação é um mero acúmulo de conhecimentos.

D.B.: Cada instrumento que o homem inventou, descobriu ou desenvolveu esteve voltado para a destruição.

J.K.: Totalmente. Os homens estão destruindo a natureza; há muitos poucos tigres hoje em dia.

D. B.: Estão destruindo as florestas e os solos agrícolas.

J.K.: Ninguém parece se importar.

D.B.: Bem, a maioria das pessoas estão apenas mergulhadas em seus planos de sobrevivência, mas há quem tenha planos de salvar a humanidade. Acho que há também uma tendência ao desespero, implícita no que está acontecendo agora, no fato de as pessoas não acreditarem que alguma coisa possa ser feita.

J.K.: Sim. E, se pensam que alguma coisa pode ser feita, formam pequenos grupos com suas pequenas teorias.

D.B.: Há aqueles que estão muito confiantes do que estão fazendo.

J.K.: Quase todos os primeiros-ministros estão bastante confiantes. Eles não sabem o que estão fazendo de fato!

D.B.: Sim, contudo há pessoas que não têm muita confiança no que elas próprias estão fazendo.

J.K.: Eu sei. E se alguém tem uma enorme confiança, eu acredito nessa confiança e o sigo. Qual é o futuro do homem, o futuro da humanidade? Será que alguém está preocupado com isso? Ou será que cada pessoa, cada grupo, está apenas preocupado com a própria sobrevivência?

D.B.: Acho que a primeira preocupação quase sempre tem sido com a sobrevivência quer do indivíduo, quer do grupo. Essa tem sido a história da humanidade.

J.K.: E essa é a razão das contínuas guerras, da constante insegurança.

D.B.: Sim, mas isso, como o senhor disse, é o resultado do pensamento que, por ser incompleto, comete o equívoco de identificar o eu com o grupo, e assim por diante.

J.K.: Acontece que o senhor ouve tudo isso, concorda com tudo isso, percebe a verdade de tudo isso. Mas os que detêm o poder jamais lhe darão ouvidos.

D.B.: É verdade.

J.K.: Eles estão criando cada vez mais miséria, o mundo está se tornando cada vez mais perigoso. Qual a utilidade de demonstrarmos que algo é verdadeiro, e que efeito tem isso?

D.B.: Parece-me que, se pensarmos em termos dos efeitos, estaremos mexendo exatamente com aquilo que está por trás da preocupação – o tempo! A resposta então seria interferir rapidamente e fazer alguma coisa para alterar o curso dos acontecimentos.

J.K.: E, por conseguinte, formar uma sociedade, uma fundação, uma organização e tudo mais.

D.B.: Mas veja, nosso erro é sentir que precisamos pensar em alguma coisa, ainda que esse pensamento seja incompleto. Não sabemos realmente o que está acontecendo, e as pessoas elaboram teorias a esse respeito, mas não sabem.

J.K.: Se essa é a pergunta errada, então, enquanto ser humano, enquanto integrante da humanidade, qual é minha responsabilidade, independentemente do efeito e de tudo o mais?

D.B.: Sim, não podemos considerar os efeitos. Mas a mesma coisa acontece em relação a "A" e "B"; "A" vê e "B", não vê.

J.K.: Sim.

D.B.: Pois bem, suponhamos que "A" vê alguma coisa que a maior parte da humanidade não vê. Portanto, ao que parece, poder-se-ia dizer que a humanidade está, de certo modo, adormecida.

J.K.: Ela está presa na ilusão.

D.B.: Ilusão. E a questão é essa: se alguém vê alguma coisa, sua responsabilidade é ajudar os outros a despertar, libertando-os das malhas da ilusão.

J.K.: Exatamente. Esse tem sido o problema. E por isso que os budistas projetaram a idéia do Bodhisatva, que é a essência de toda compaixão e espera salvar a humanidade. Isso é maravilhoso. E uma felicidade saber que alguém está fazendo isso. Mas na realidade, não faremos nada que não seja cômodo, agradável, seguro, quer psicológica, quer fisicamente.

D.B.: Essa é, basicamente, a origem da ilusão.

J.K.: Como fazer com que os outros vejam isso tudo? Eles não têm tempo, não têm a energia, não têm sequer a disposição. Eles querem se divertir. Como fazer com que "X" veja isso tudo tão nitidamente a ponto de dizer: "Está certo, eu entendi, vou trabalhar. E percebo que sou responsável", e tudo mais. Acho que essa é a tragédia dos que vêem e dos que não vêem.

11 de junho de 1983, Brockwood Park, Inglaterra

CAPÍTULO DOIS

Jiddu Krishnamurti: Estão todos os psicólogos, tanto quanto podemos compreender, realmente preocupados com o futuro do homem? Ou estão preocupados com o fato do ser humano adaptar-se à sociedade atual? Ou pretendem ir além disso?

David Bohm: Acho que muitos psicólogos querem evidentemente que o ser humano se adapte a esta sociedade, mas acho que alguns pretendem ir além, pensando em transformar a consciência humana.

J.K.: A consciência humana pode ser modificada através do tempo? Essa é uma das questões que deveríamos discutir.

D.B.: Sim. Falamos a respeito da ilusão do devir.

J.K.: Vimos que a evolução da consciência é uma falácia, não vimos?

D.B.: Através do tempo, sim. Embora a evolução não o seja.

J.K.: Quem sabe poderíamos nos expressar de um modo mais simples, dizendo que não há nenhuma evolução psicológica, ou evolução da psique?

D.B.: Sim. E, visto que o futuro da humanidade depende da psique, parece então que o futuro da humanidade não será determinado por meio de ações no tempo. E isso nos leva à pergunta: o que faremos?

J.K.: Pois bem, prossigamos a partir daí. Quem sabe deveríamos primeiro fazer uma diferenciação entre o cérebro e a mente?

D.B.: Bem, essa diferenciação tem sido feita, e não é clara. Naturalmente, existem hoje em dia várias concepções. Uma delas é a de que a mente é apenas uma função do cérebro esse é o ponto de vista dos materialistas. Há uma outra concepção segundo a qual a mente e o cérebro são duas coisas diferentes.

J.K.: Sim, acho que são duas coisas diferentes.

D.B.: Mas deve haver...

J.K.:...um contato entre elas.

D.B.: Sim.

J.K.: Uma conexão...

D.B.: Não estamos necessariamente sugerindo alguma separação entre elas.

J.K.: Não. Vejamos primeiro o cérebro. Não sou realmente nenhum especialista a respeito da estrutura do cérebro ou de qualquer outro assunto dessa natureza. Mas podemos observar em nós mesmos, podemos constatar a partir da nossa própria atividade cerebral, que ele realmente se assemelha a um computador que foi programado e que tem memória.

D.B.: Não há dúvida de que uma boa parte da atividade é assim; mas não se tem certeza de que toda ela seja assim.

J.K.: Não. E ele está condicionado.

D.B.: Sim.

J.K.: Condicionado pelas gerações passadas, pela sociedade, pelos jornais, pelas revistas, por todas as atividades e pressões do exterior. Ele é condicionado.

D.B.: Mas o que o senhor pretende dizer com esse condicionamento?

J.K.: O cérebro é programado; ele é feito para se ajustar a um determinado padrão; ele se alimenta totalmente do passado, modificando-se com o presente e assim prosseguindo.

D.B.: Concordamos que alguns desses condicionamentos são úteis e necessários.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Mas o condicionamento que determina o eu, que determina...

J.K.: ... a psique. Vamos por enquanto utilizar esse termo, a psique. O eu.

D.B.: O eu, a psique, é desse condicionamento que o senhor está falando. Ele não só pode ser desnecessário como pode ser nocivo.

J.K.: Sim. A ênfase que se dá à psique, a importância que se empresta ao eu, está causando um grande dano ao mundo, porque ela é separativa e, portanto, está em constante conflito, não só consigo mesma como também com a sociedade, com a família, etc.

D.B.: Sim. E também está em conflito com a natureza.

J.K.: Com a natureza, com todo o universo.

D:B.: Dissemos que o conflito surgiu devido...

J.K.: ...à divisão...

D.B.: E a divisão surge porque o pensamento é limitado. Tendo por base esse condicionamento, no conhecimento e na memória, ele é limitado.

J.K.: Sim. E a experiência é limitada; por isso o conhecimento é limitado, bem como a memória e o pensamento. E a própria estrutura e a natureza da psique é o movimento do pensamento.

D.B.: Sim.

J.K.: No tempo.

D.B.: Sim. Eu gostaria de fazer agora uma pergunta. O senhor falou do movimento do pensamento, mas para mim não está bem claro o que é que se move. Veja: se falo do movimento da minha mão, trata-se de um movimento real. Está claro o que está sendo designado. Contudo, quando falamos do movimento do pensamento, tenho a impressão de que estamos falando de algo que é uma espécie de ilusão, porque o senhor disse que o devir é o movimento do pensamento.

J.K.: É a isso que me refiro: o movimento é transformação.

D.B.: Mas o senhor está dizendo que o movimento é, de algum modo, ilusório, não está?

J.K.: Sim, naturalmente.

D.B.: Ele é muito mais parecido com o movimento projetado por uma câmara numa tela. Dizemos que não há nenhum objeto se movendo na tela, que o único movimento real é o da rotação do projetor. Pois bem, podemos dizer, então, que há um movimento real no cérebro responsável pela projeção de tudo aquilo, que é o condicionamento?

J.K.: É o que queremos descobrir. Vamos examinar isso um pouco mais. Nós dois concordamos, ou percebemos, que o cérebro é condicionado.

D.B.: Com isso queremos dizer que ele foi realmente impresso física e quimicamente...

J.K.: E geneticamente, bem como psicologicamente.

D.B.: Qual é a diferença entre fisicamente e psicologicamente?

J.K.: Psicologicamente, o cérebro está centrado no eu – certo?

D.B.: Sim.

J.K.: E a contínua afirmação do eu é o movimento, o condicionamento, uma ilusão.

D.B.: Mas dentro algo está se movendo realmente. O cérebro, por exemplo, está fazendo alguma coisa. Ele foi condicionado física e quimicamente. E alguma coisa está acontecendo física e quimi-camente quando estamos pensando no eu.

J.K.: O senhor está perguntando se o cérebro e o eu são duas coisas diferentes?

D.B.: Não, estou dizendo que o eu é o resultado do condicionamento do cérebro.

J.K.: Sim. O eu é o condicionamento do cérebro.

D.B.: Mas o eu existe?

J.K.: Não existe.

D.B.: Mas o condicionamento do cérebro, tal como o vejo, consiste em estar envolvido numa ilusão que chamamos de eu.

J.K.: Isso mesmo. Esse condicionamento pode ser dissipado? Esta é a questão.

D.B.: Ele precisa realmente ser dissipado, num certo sentido físico, químico e neurofisiológico.

J.K.: Sim.

D.B.: Contudo, a primeira reação de qualquer pessoa com alguma formação científica seria a de que parece improvável que pudéssemos dissipá-lo do modo como estamos fazendo. Veja: alguns cientistas poderiam achar provável que se descubram drogas ou novas mudanças genéticas ou um profundo conhecimento da estrutura do cérebro. Desse modo, poderíamos talvez ajudar a fazer alguma coisa. Acho que essa idéia talvez seja compartilhada por algumas pessoas.

J.K.: Isso alterará o comportamento humano?

D.B.: Por que não? Acho que algumas pessoas acreditam que sim.

J.K.: Espere um pouco. Esse é o problema. *Alterará*, isto é, isso ocorrerá no futuro.

D.B.: Sim, levaria tempo para descobrir tudo isso.

J.K.: Neste ínterim, o homem destruirá a si mesmo.

D.B.: Essas pessoas poderiam ter a esperança de que o homem descubra isso a tempo. Elas também poderiam criticar o que estamos fazendo, dizendo, de que adianta isso? Parece que, como o senhor sabe, isto não afetará ninguém, e certamente não a tempo de fazer alguma grande diferença.

J.K.: Para nós dois tudo isso está bastante claro. De que modo isto não afeta a humanidade?

D.B.: Poderá realmente afetá-la a tempo de salvar...

J.K.: É óbvio que não.

D.B.: Por que, então, devemos fazê-lo?

J.K.: Porque é a coisa certa a ser feita. Independentemente. Não tem nada a ver com recompensa ou punição.

D.B.: Tampouco com objetivos. Fazemos a coisa certa mesmo sem saber qual será o resultado?

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: O senhor está dizendo que não há outro caminho?

J.K.: Estamos dizendo que não há outro caminho; isso mesmo.

D.B.: Bem, devemos deixar isso mais claro. Por exemplo, alguns psicólogos achariam que, pela investigação desse tipo de assunto, poderíamos ocasionar uma transformação evolucionária da consciência.

J.K.: Isso nos leva de volta à questão de que, através do tempo, temos a esperança de alterar a consciência. Já discutimos isso.

D.B.: Discutimos isso e estamos dizendo que, através do tempo, somos inevitavelmente en volvidos pela mudança e pela ilusão, e não sabemos o que estamos fazendo.

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: Poderíamos contudo dizer que a mesma coisa se aplica até mesmo àqueles cientistas que estão tentando fazer isso física e quimicamente, ou estruturalmente; que eles próprios são vítimas da ilusão ao tentar se tornar melhores através do tempo?

J.K.: Sim. Os experimentalistas, os psicólogos e nós mesmos, todos estamos cuidando de nos tornarmos algo.

D.B.: Sim, embora a princípio isso possa não parecer óbvio. Temos a impressão de que os cientistas são realmente desinteressados, observadores imparciais, pesquisando o problema. Contudo, debaixo disso, percebe-se que, por parte da pessoa que está pesquisando desse modo, há o desejo de chegar a ser melhor.

J.K.: De chegar a ser, claro.

D.B.: Ela não está livre disso.

J.K.: Exatamente.

D.B.: E esse desejo trará ao eu decepção, ilusão e assim por diante.

J.K.: Desse modo, aonde chegamos? Qualquer forma de devir é uma ilusão, e a chegar a ser isso implica tempo, tempo para que a psique mude. Mas estamos afirmando que o tempo não é necessário.

D.B.: Pois bem, essa questão está relacionada com a questão da mente e do cérebro. O cérebro é uma atividade no tempo, enquanto processo físico e químico complexo.

J.K.: Acho que a mente está separada do cérebro.

D.B.: O que significa separada? Eles estão em contato?

J.K.: Separada no sentido de que o cérebro é condicionado, ao passo que a mente não é.

D.B.: Digamos que a mente tem certa independência com relação ao cérebro. Ainda que o cérebro seja condicionado...

J.K.: ...a mente não o é.

D.B.: Ela não precisa ser...

J.K.:...condicionada.

D.B.: O senhor afirma isso baseado em quê?

J.K.: Isso não importa.

D.B.: Mas o que o leva a dizer isso?

J.K.: Uma vez que o cérebro está condicionado, ele não é livre.

D.B.: Por certo.

J.K.: E a mente *é* livre.

D.B.: Sim, é o que o senhor está dizendo. Mas veja, se o cérebro não é livre, significa que ele não é livre para pesquisar de um modo imparcial.

J.K.: Vejamos. Examinemos o que é liberdade? Liberdade para pesquisar, liberdade para investigar. Somente em liberdade pode haver um discernimento profundo.

D.B.: Sim, sem dúvida, porque, se não somos livres para pesquisar, ou se somos preconceituosos, somos limitados, de um modo arbitrário.

J.K.: Desse modo, visto que o cérebro é condicionado, sua conexão com a mente é limitada.

D.B.: Temos a conexão do cérebro com a mente e também o contrário.

J.K.: Sim. Mas a mente, por ser livre, tem uma conexão com o cérebro.

D.B.: Sim. Pois bem, digamos que a mente é, de algum modo, livre, e não está sujeita ao condicionamento do cérebro.

J.K.: Sim.

D.B.: Qual é a natureza da mente? Está a mente localizada no interior do corpo, ou está no cérebro?

J.K.:: Não, ela não tem nada a ver com o corpo ou com o cérebro.

D.B.: Ela tem alguma coisa a ver com o espaço ou com o tempo?

J.K.: O espaço – espere um pouco! Ela tem a ver com o espaço e com o silêncio. Estes são os dois fatores da...

D.B.: Mas não tem nada a ver com o tempo?

J.K.: Não. O tempo pertence ao cérebro.

D.B.: O senhor fala em espaço e silêncio; pois bem, que espécie de espaço? Não se trata do espaço no qual vemos a vida se movendo.

J.K: Espaço. Examinemos essa questão de outro modo. O pensamento pode inventar o espaço.

D.B.: Além disso, temos o espaço que vemos. Mas o pensamento pode inventar todos os tipos de espaço.

J.K.: E o espaço daqui até ali.

D.B.: Sim, o espaço através do qual nos movemos é desse tipo.

J.K.: Também o espaço entre dois ruídos, entre dois sons.

D.B.: Chamam a isso de intervalo, o intervalo entre dois sons.

J.K.: Sim, o intervalo entre dois ruídos. Dois pensamentos. Duas notas.

D.B.: Sim.

J.K.: O espaço entre duas pessoas.

D.B.: O espaço entre as paredes.

J.K.: E assim por diante. Mas esse tipo de espaço não é o espaço da mente.

D.B.: O senhor quer dizer que ela não é limitada?

J.K.: Isso mesmo. Mas eu não queria usar a palavra limitada.

D.B.: Mas ela está implícita. Esse tipo de espaço não tem a característica do que está limitado por alguma coisa.

J.K.: Não, ele não está limitado pela psique.

D.B.: Mas há alguma coisa que o limite?

J.K.: Não. Assim sendo, será que o cérebro, com todas as suas células condicionadas, será que essas células podem sofrer alguma mudança radical?

D.B.: Já discutimos isso muitas vezes. Não se tem certeza de que todas as células estejam condicionadas. Por exemplo, algumas pessoas acham que apenas uma parte ou uma pequena parte das

células está sendo utilizada, e que as outras estão inativas, em estado latente.

J.K.: De qualquer modo, quase sem uso, ou afetadas apenas ocasionalmente.

D.B.: Afetadas apenas ocasionalmente. Mas as células que estão condicionadas, seja qual for a sua quantidade, é evidente que dominam a consciência neste momento.

J.K.: Sim. Essas células podem ser alteradas?

D.B.: Podem.

J.K.: Estamos afirmando que podem através de uma compreensão profunda, a qual independe do tempo, não é o resultado da recordação, não é uma intuição, nem desejo e nem esperança. Ela não tem nada a ver com o tempo e com o pensamento.

D.B.: Sim. Pois bem, essa compreensão pertence à mente? Sua natureza é mental? É uma atividade da mente?

J.K.: Sem dúvida.

D.B.: O senhor está dizendo, portanto, que a mente pode atuar na matéria do cérebro.

J.K.: Sim, já dissemos isso antes.

D.B.: Mas, veja, essa questão, de como a mente pode atuar na matéria, é difícil.

J.K.: Ela pode agir sobre o cérebro. Por exemplo, tomemos uma crise, um problema. O significado primitivo de problema, como o senhor sabe, é o de "alguma coisa atirada em você". E nós o enfrentamos com toda a lembrança do passado, com uma predispo-

sição e assim por diante. Como conseqüência, o problema se multiplica. Podemos resolver um problema mas, na própria solução de um determinado problema, surgem outros problemas, como acontece na política e assim por diante. Pois bem, para abordar o problema, ou ter dele uma percepção isenta de quaisquer recordações e pensamentos do passado que interfiram ou se projetem...

D.B.: Isso implica que a percepção também é da mente. . .

J.K.: Sim, isso mesmo.

D.B.: O senhor está dizendo que o cérebro é uma espécie de instrumento da mente?

J.K.: Um instrumento da mente quando o cérebro não é egocêntrico.

D.B.: Todo o condicionamento pode ser imaginado como se o cérebro se excitasse a si mesmo, cuidando para se manter absolutamente fiel à sua programação. Isso ocupa todas as suas capacidades.

J.K.: Todos os nossos dias, sim.

D.B.: Pode-se dizer que o cérebro é como um receptor de rádio que pode gerar seu próprio ruído, mas que seria incapaz de captar um sinal.

J.K.: Não é bem assim. Examinemos isso um pouco mais. A experiência é sempre limitada. Eu posso expandir essa experiência e convertê-la em algo fantástico, e então abrir uma loja para vender a minha experiência, mas essa experiência é limitada. Assim, o conhecimento sempre é limitado. Esse conhecimento está operando

no cérebro. Esse conhecimento é o cérebro. E o pensamento também faz parte do cérebro, e o pensamento é limitado. Desse modo, o cérebro está operando numa área muito pequena.

D.B.: Sim. O que impede o cérebro de operar numa área mais ampla? Numa área ilimitada?

J.K.: O pensamento.

D.B.: Mas me parece que o cérebro opera por si mesmo, a partir da sua própria programação.

J.K.: Sim, como um computador.

D.B.: O que você está exigindo, essencialmente, é que o cérebro deveria responder à mente.

J.K.: Ele só pode responder se estiver livre do que é limitado; do pensamento, que é limitado.

D.B.: De modo que a programação não o domine. Mas ainda assim temos necessidade desse programa.

J.K.: Naturalmente. Precisamos dele para...

D.B.: ...para muitas coisas. Mas, e quanto à inteligência, ela pertence à mente?

J.K.: Sim, a inteligência é a mente.

D.B.: É a mente.

J.K.: Temos de examinar uma outra coisa. Visto que a compaixão está relacionada com a inteligência, não há inteligência sem compaixão. E só pode haver compaixão quando houver amor, o que é completamente livre de todas as recordações, ciúmes pessoais e assim por diante.

D B.: E essa compaixão, esse amor, também são da mente?

J.K.: Sem dúvida. Você não pode ser compassivo se estiver apegado a alguma experiência particular ou a algum ideal particular.

D.B.: Sim, isso também faz parte da programação.

J.K.: Sim. Por exemplo, essas pessoas que se dirigem a vários países dominados pela miséria e trabalham, trabalham, trabalham. E chamam a isso de compaixão. Contudo, elas estão apegadas ou atadas a uma forma específica de crença religiosa; portanto, sua ação é meramente piedade ou simpatia. Não é compaixão.

D.B.: Sim, entendo que temos aqui duas coisas que, de certo modo, podem ser independentes. Há o cérebro e a mente, embora estejam em contato. Dizemos então que a inteligência e a compaixão têm sua origem fora do cérebro. Eu gostaria de passar agora à questão de como eles entram em contato.

J.K.: Ah! O contato entre a mente e o cérebro só pode ocorrer quando o cérebro está tranqüilo.

D.B.: Sim, essa é a condição para que ele ocorra. O cérebro precisa estar tranqüilo.

J.K.: Não se trata de uma tranqüilidade treinada. Não é um desejo auto consciente, meditativo, de silêncio. E o resultado natural da compreensão acerca do nosso próprio condicionamento.

D.B.: E desse modo, se o cérebro ficar quieto, ele poderia ouvir algo mais profundo?

J.K.: Isso mesmo. Portanto, se ele está quieto, ele entra em contato com a mente. Nesse caso, a mente pode então funcionar através do cérebro.

D.B.: Acho que ajudaria se pudéssemos averiguar, em relação com o cérebro, se ele tem alguma atividade que transcende o pensamento. Por exemplo, poderíamos perguntar, se a percepção faz parte das funções do cérebro?

J.K.: Enquanto é percepção na qual não há nenhuma escolha.

D.B.: Acho que isso pode provocar objeções. O que há de errado com a escolha?

J.K.: Escolha significa confusão.

D.B.: Isso não é óbvio...

J.K.: Afinal, a pessoa tem de escolher entre duas coisas.

D.B.: Eu poderia escolher se vou comprar uma coisa ou outra.

J.K.: Sim, posso escolher entre esta mesa e aquela.

D.B.: Escolho as cores quando compro a mesa. Isso não é necessariamente confuso. Se escolho a cor que eu quero, não entendo porque isso deva causar confusão.

J.K.: Não há nada de errado nisso. Não há nada de confuso.

D.B.: Parece-me então que a confusão reside na escolha relativa à psique.

J.K.: É isso: estamos falando da psique que escolhe.

D.B.: Que opta por chegar a ser.

J.K.: Sim. Que opta por chegar a ser. E as opções existem onde há confusão.

D.B.: O senhor está dizendo que, devido à confusão existente, a psique faz uma escolha no sentido de tornar-se uma coisa ou outra? Por estar confusa, ela tenta tornar-se alguma coisa melhor?

J.K.: E a escolha implica uma dualidade.

D.B.: Mas parece que, à primeira vista, temos uma outra dualidade que o senhor estabeleceu, ou seja, a da mente e do cérebro.

J.K.: Não, isso não é uma dualidade.

D.B.: Qual é a diferença?

J.K.: Consideremos um exemplo bastante simples. Os seres humanos são violentos, e a não-violência foi projetada pelo pensamento. Esta é a dualidade – o fato e o não-fato.

D.B.: O senhor está dizendo que há uma dualidade entre um fato e uma mera projeção feita pela mente.

J.K.: O ideal e o fato.

D.B.: O ideal é não-real, o fato é real.

J.K.: É isso. O ideal não é real.

D.B.: Sim. Pois bem, o senhor está dizendo então que essa divisão implica uma dualidade. Por que o senhor lhe dá esse nome?

J.K.: Porque estão divididos.

D.B.: Bem, pelo menos parecem estar divididos.

J.K.: Divididos, e nós estamos lutando. Por exemplo, todos os ideais comunistas totalitários e os ideais democráticos são o resultado do pensamento, que é limitado, e isso está causando a destruição do mundo.

D.B.: Produziu-se, portanto, uma divisão. Mas acho que estávamos falando em termos de se dividir alguma coisa que não pode ser dividida. De tentarmos dividir a psique. .

J.K.: Isso mesmo. A violência não pode ser dividida em não-violência.

D.B.: E a psique não pode ser dividida em violência e não-violência. Certo?

J.K.: Ela é o que é.

D.B.: Ela é o que é; portanto, se é violenta, não pode ser dividida numa parte violenta e numa parte não-violenta.

J.K.: Desse modo, podemos permanecer com "o que é" e não com "o que seria", ou com "o que deve ser" , sem inventar ideais e tudo mais?

D.B.: Sim, mas poderíamos retomar à questão da mente e do cérebro. Pois bem, estamos dizendo que essa não é uma divisão.

J.K.: Oh não, não é uma divisão.

D.B.: Mente e cérebro estão em contato, não é verdade?

J.K.: Dissemos que há contato entre a mente e o cérebro quando o cérebro está em silêncio e tem espaço.

D.B.: Estamos afirmando então que, embora estejam em contato e não haja de modo algum uma divisão, a mente ainda pode ter certa independência com relação ao condicionamento do cérebro.

J.K.: Devemos ter cuidado agora! Suponhamos que meu cérebro esteja condicionado, por exemplo, programado como um hindu e que toda a minha vida e atividade estejam condicionadas pela idéia

De que eu sou um hindu. É óbvio que a mente não tem nenhum vínculo com esse condicionamento.

D.B.: O senhor está usando a palavra mente: e não a *minha* mente.

J.K.: A mente. Ela não é "minha".

D.B.: Ela é universal ou geral.

J.K.: Sim. E também não é o "meu" cérebro.

D.B.: Não, mas há um cérebro particular: este cérebro, aquele cérebro. O senhor diria que há uma mente particular?

J.K.: Não.

D.B.: Essa é uma diferença importante. O senhor está dizendo que a mente é, de fato, universal.

J.K.: A mente é universal – se é que podemos usar essa palavra horrível.

D.B.: Ilimitada e indivisa.

J.K.: Ela é impoluta; não está contaminada pelo pensamento.

D.B.: Mas ou acho que a maioria das pessoas encontrará dificuldade em dizer de que modo sabemos alguma coisa a respeito dessa mente. Sabemos apenas que nossa primeira impressão é a da minha mente – certo?

J.K.: O senhor não pode chamá-la de *sua* mente. O senhor tem apenas o *seu* cérebro, que é condicionado. O senhor não pode dizer, "É a *minha* mente".

D.B.: Mas tudo o que quer que esteja acontecendo dentro de mim eu sinto que é meu, e que é muito diferente do que está acontecendo dentro de alguma outra pessoa.

J.K.: Não, eu contesto que seja diferente.

D.B.: Pelo menos, parece diferente.

J.K.: Sim. Eu contesto se *é* diferente o que está acontecendo dentro de mim como ser humano, e dentro do senhor, como um outro ser humano. Nós dois passamos por todos os tipos de problemas, de sofrimento, de medo, de ansiedade, de solidão e tudo mais. Temos nossos dogmas, nossas crenças, nossas superstições. Todo mundo tem isso.

D.B.: Podemos dizer que tudo é muito semelhante, mas temos a impressão de que cada um de nós está isolado do outro.

J.K.: Pelo pensamento. O meu pensamento criou a crença de que eu sou diferente do senhor, porque o meu corpo é diferente do seu, o meu rosto é diferente do seu. Estendemos a mesma coisa para a área psicológica.

D.B.: Mas, e se dissermos que essa divisão talvez seja uma ilusão?

J.K.: Talvez, não! Ela *é* uma ilusão.

D.B.: E uma ilusão. Muito bem. Embora isso não seja óbvio à primeira vista.

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Na verdade, nem mesmo o cérebro está dividido, pois estamos dizendo que nós todos somos não só basicamente semelhantes como estamos, de fato, unidos. E então dizemos que, além de tudo isso, está a mente, que não tem absolutamente nenhuma divisão.

J.K.: Ela é incondicionada.

D.B.: Sim, talvez então possa se deduzir daí que, à medida que uma pessoa sente que é um ser separado, ela tem muito pouco contato com a mente.

J.K.: Sem dúvida. Foi o que dissemos.

D.B.: Ela não é a mente.

J.K.: Por isso, é muito importante compreender não a mente mas o nosso condicionamento. E se o nosso condicionamento, o condicionamento humano, pode de algum modo ser dissolvido. Esta é a verdadeira questão.

D.B.: Sim. Acho que ainda precisamos entender o significado do que está sendo dito. Veja: temos uma mente que é universal; que em certo sentido tem um espaço, o senhor diz. Ou ela é o seu próprio espaço?

J.K.: Ela não está em mim ou no meu cérebro.

D.B.: Mas ela tem um espaço.

J.K.: Ela é, ela vive no espaço e no silêncio.

D.B.: Ela vive num espaço e no silêncio, mas é o espaço da mente. Não é um espaço como este espaço, é?

J.K.: Não. E é por isso que dissemos que o espaço não é inventado pelo pensamento.

D.B.: Sim, mas é possível então perceber esse espaço quando a mente está em silêncio, entrar em contato com ele?

J.K.: Perceber, não. Vejamos. O senhor está perguntando se a mente pode ser percebida pelo cérebro.

D.B.: Ou pelo menos se o cérebro, de algum modo, dá-se conta... tem uma percepção, uma sensação.

J.K.: Sim, ele pode; é o que estamos dizendo. Através da meditação. Talvez o senhor não goste de usar esta palavra.

D.B.: Não me importo.

J.K.: Sabe, a dificuldade é que, quando o senhor usa a palavra "meditação", geralmente se entende que há sempre uma pessoa meditando. A verdadeira meditação é um processo inconsciente e não um processo consciente.

D.B.: Como então o senhor pode afirmar que a meditação acontece, se é inconsciente?

J.K.: Ela acontece quando o cérebro está quieto.

D.B.: O senhor entende por consciência todo o movimento do pensamento? O sentimento, o desejo, a vontade e tudo o que o acompanha?

J.K.: Exatamente.

D.B.: Ainda assim há uma espécie de percepção, não há?

J.K.: Oh, sim. Depende do que o senhor chama de percepção. Percepção de quê?

D.B.: Talvez percepção de algo mais profundo. Não sei.

J.K.: Quando o senhor usa a expressão "mais profundo", trata-se, de novo, de uma meditação. Eu não a usaria.

D.B.: Bem, não a usemos então. Mas, veja, há um tipo de inconsciência da qual simplesmente não temos nenhuma noção. Uma pessoa pode estar inconsciente de alguns de seus problemas, conflitos.

J.K.: Vamos examinar isso um pouco mais. Se eu faço alguma coisa conscientemente, trata-se de uma atividade do pensamento.

D.B.: Sim, é o pensamento que se reflete sobre si mesmo.

J.K.: Certo, essa é uma atividade do pensamento. Pois bem, se eu, conscientemente, medito, me exercito, faço tudo isso que considero um absurdo, então estou fazendo com que o cérebro se ajuste a uma outra série de padrões.

D.B.: Sim, isso implica mais transformação.

J.K.: Mais transformação, correto.

D.B.: Estou tentando tornar-me melhor.

J.K.: No tornar-se melhor não há iluminação. Não é possível alguém se iluminar – se posso usar esta palavra – só por dizer que ele quer ser alguma espécie de guru.

D.B.: Mas parece muito difícil comunicar alguma coisa que não é consciente.

J.K.: É. Essa é a dificuldade.

D.B.: Não é como ser posto fora de combate. Se uma pessoa está inconsciente, ela está fora de combate, mas não é isso o que o senhor quer dizer.

J.K.: Claro que não!

D.B.: Ou anestesiada ou...

J.K.: Não, expliquemos do seguinte modo: meditação consciente, atividade consciente para controlar o pensamento, para se libertar do condicionamento, não é liberdade.

D.B.: Sim, acho que isso está claro, o que se torna pouco claro é como comunicar algo mais.

J.K.: Espere um pouco. O senhor quer discutir o que está além do pensamento.

D.B.: Ou quando o pensamento está em silêncio.

J.K.: Quieto, em silêncio. Que palavras o senhor usaria?

D.B.: Bem, eu sugeriria a palavra percepção. Que tal a palavra atenção?

J.K.: Atenção, acho melhor. O senhor diria que na atenção não há nenhum outro, como o eu?

D.B.: Bem, não no tipo de atenção da qual o senhor está falando. Há o tipo comum, no qual prestamos atenção por causa de algo que nos interessa.

J.K.: Atenção não é concentração.

D.B.: Estamos falando de um tipo de atenção sem esse "eu" presente, e que não é a atividade do condicionamento.

J.K.: Que não é atividade do pensamento. Na atenção, não há pensamento.

D.B.: Sim, mas poderíamos dizer mais? O que o senhor entende por atenção? A origem da palavra poderia ter alguma utilidade? Ela significa expandir a mente – isso ajudaria?

J.K.: Não. Ajudaria se dissermos que concentração não é atenção? Esforço não é atenção. Quando faço um esforço para escutar, não é atenção. A atenção só pode existir quando o eu está ausente.

D.B.: Sim, mas isso nos levará a um círculo vicioso, porque geralmente nós começamos a fazer alguma coisa quando o eu está presente.

J.K.: Não, eu usei a palavra com muito cuidado. Meditação significa medida.

D.B.: Está bem.

J.K.: Enquanto houver medida, que é vir a ser, não haverá meditação. Vamos nos expressar assim.

D.B.: Sim. Nós podemos discutir quando não há meditação.

J.K.: Isso mesmo. Através da negação, o outro existe.

D.B.: Porque se seguimos negando toda a atividade do que não é meditação, a meditação estará presente.

J.K.: Está certo.

D.B.: Aquilo que não é meditação, mas que pensamos que é meditação.

J.K.: Sim, isso está bastante claro. Enquanto houver medida, que é o vir a ser, que é o processo do pensamento, a meditação ou o silêncio não podem existir.

D.B.: Essa atenção não dirigida é a mente?

J.K.: A atenção é da mente.

D.B.: Bem, ela está em contato com o cérebro, não está?

J.K.: Sim. Desde que o cérebro esteja em silêncio, dá-se o contato.

D.B.: Ou seja, essa atenção verdadeira entra em contato com o cérebro quando o cérebro está em silêncio.

J.K.: Em silêncio, e tem espaço.

D.B.: O que é o espaço?

J.K.: O cérebro não tem espaço agora, porque está preocupado consigo mesmo, está programado, é egocêntrico e limitado.

D.B.: Sim. A mente está no seu espaço; pois bem, o cérebro também tem o seu espaço? Um espaço limitado?

J.K.: Naturalmente. O pensamento tem um espaço limitado.

D.B.: Mas quando o pensamento está ausente, o cérebro tem seu espaço?

J.K.: Sim. O cérebro tem seu espaço.

D.B.: Ilimitado?

J.K.: Não. Só a mente tem um espaço ilimitado. Meu cérebro pode ficar quieto diante de um problema que tenho tentado resolver e, de repente, eu digo, "Bem, não vou mais pensar nele", e surge aí uma certa quantidade de espaço. Nesse espaço, o senhor resolve o problema.

D.B.: Pois bem, se o cérebro está em silêncio, se ele não está pensando num problema, mesmo assim o espaço é limitado, porém está aberto a...

J.K.: ...ao outro.

D.B.:. ...à atenção. O senhor diria que, através da atenção, ou pela atenção, a mente está entrando em contato com o cérebro?

J.K.: Quando o cérebro não está desatento.

D.B.: O que acontece então ao cérebro?

J.K.: O que acontece ao cérebro que está para agir? Vamos deixar isso claro. Dissemos que a inteligência nasce da compaixão e do amor. Essa inteligência atua quando o cérebro está quieto.

D.B.: Sim. Ela atua através da atenção?

J.K.: Naturalmente.

D.B.: Portanto, a atenção parece ser o contato.

J.K.: Certamente. Dissemos também que a atenção só pode existir quando o eu está ausente.

D.B.: Pois bem, o senhor está dizendo que o amor e a compaixão são a base da qual se origina a inteligência, através da atenção.

J.K.: Sim, ela opera através do cérebro.

D.B.: Temos então duas questões: uma se refere à natureza dessa inteligência e, a outra, à ação que essa inteligência exerce sobre ó cérebro?

J.K.: Sim, vejamos. De novo temos de fazer uma abordagem negativa. O amor não é ciúme, ou coisas desse tipo. O amor não é pessoal, mas pode ser pessoal.

D.B.: Então não é dele que o senhor está falando.

J.K.: O amor não é o *meu* país, o *seu* país, ou "Eu amo o *meu* deus". Não se trata disso.

D.B.: Se ele provém da mente universal...

J.K.: E por isso que eu digo que o amor não tem nenhuma relação com o pensamento.

D.B.: E não começa no cérebro particular, não tem origem no cérebro particular.

J.K.: Quando há esse amor, por causa dele há compaixão e há inteligência.

D.B.: Essa inteligência é capaz de compreender profundamente?

J.K.: Não, não de "compreender".

D.B.: E capaz de quê? De perceber?

J.K.: Através da percepção, ela atua.

D.B.: Percepção de quê?

J.K.: Pois bem, vamos falar então da percepção. Só pode haver percepção quando ela não está impregnada de pensamento. Quando não há nenhuma interferência oriunda do movimento do pensamento há percepção, que é uma compreensão imediata de um problema ou das complexidades humanas.

D.B.: Essa percepção se origina então na mente?

J.K.: Se a percepção se origina na mente? Sim. Quando o cérebro está quieto.

D.B.: Mas nós usamos as palavras percepção e inteligência; como elas se relacionam ou qual é a diferença entre ambas?

J.K.: A diferença entre percepção e inteligência?

D.B.: Sim.

J.K.: Nenhuma.

D.B.: Podemos, então, dizer que inteligência é percepção.

J.K.: Sim, isso mesmo.

D.B.: A inteligência é percepção daquilo "que é"? E através da atenção se estabelece o contato.

J.K.: Consideremos um problema; assim será mais fácil de entender. Considere o problema do sofrimento. Os seres humanos têm sofrido continuamente, devido às guerras, às doenças e devido ao modo errado de se relacionarem entre si. Pois bem: isso pode acabar?

D.B.: Eu diria que a dificuldade para se pôr um fim a isso reside na programação. Estamos condicionados a tudo isso.

J.K.: Sim. E isso vem ocorrendo há séculos.

D.B.: E um condicionamento muito profundo.

J.K.: Bastante profundo. Pois bem, esse sofrimento pode ter um fim?

D.B.: Ele não terminará por intermédio de uma ação do cérebro.

J.K.: Ou seja, do pensamento.

D.B.: Porque o cérebro está preso ao sofrimento e ele nada pode fazer para acabar com o seu próprio sofrimento.

J.K.: É claro que não. E por isso que o pensamento não pode pôr um fim ao sofrimento. O pensamento o criou.

D.B.: Sim, o pensamento o criou e, seja como for, ele é incapaz de detê-lo.

J.K.: O pensamento criou as guerras, a miséria, a confusão. E o pensamento domina o relacionamento humano.

D.B.: Sim, mas acho que embora as pessoas concordem com isso, ainda acho que elas julgariam que, do mesmo modo que pode fazer coisas ruins, o pensamento também pode fazer coisas boas.

J.K.: Não, o pensamento não pode fazer bem ou mal. Ele é pensamento; é limitado.

D.B.: O pensamento não pode deter esse sofrimento. Ou seja, pelo fato de esse sofrimento ser um condicionamento físico ou químico do cérebro, o pensamento sequer é capaz de saber que ele é o sofrimento.

J.K.: Eu quero dizer que, por exemplo, perdi meu filho e estou...

D.B.: Sim, mas pelo pensamento eu não sei o que está acontecendo dentro de mim. Não posso alterar o sofrimento interior porque o pensamento não me revelará o que é esse sofrimento. O senhor está dizendo, porém, que a inteligência é percepção.

J.K.: Mas o que estamos perguntando é: o sofrimento pode acabar? Este é o problema.

D.B.: Sim, e está claro que o pensamento não pode acabar com ele.

J.K.: Não, o pensamento não pode. Essa é a questão. Se eu tiver uma profunda compreensão direta dele...

D.B.: Mas essa compreensão direta virá através da ação da mente; através da inteligência e da atenção.

J.K.: Quando há essa compreensão direta, a inteligência põe um fim ao sofrimento.

D.B.: O senhor está dizendo, portanto, que há um contato da mente com a matéria, o qual remove toda a estrutura física e química que nos prende ao sofrimento.

J.K.: Isso mesmo. Nesse término do sofrimento há uma mutação nas células do cérebro.

D.B.: E essa mutação destrói toda a estrutura que faz com que o senhor sofra.

J.K.: Exatamente. Portanto, é como se eu estivesse dando continuidade a uma determinada tradição; de repente, eu mudo essa tradição e há uma mudança em todo o cérebro que, antes, se dirigia para o Norte e, agora, dirige-se para o Leste.

D.B.: Trata-se sem dúvida de um conceito radical se confrontado com as idéias científicas tradicionais, porque, se admitíssemos que a mente é diferente da matéria, as pessoas teriam dificuldade em dizer o que a mente, de fato, seria...

J.K.:: Você diria que a mente é energia pura?

D.B.: Bem, poderíamos nos expressar desse modo, mas a matéria também é energia.

J.K.: Mas a matéria é limitada; o pensamento é limitado.

D.B.: O que estamos dizendo é que a energia pura da mente é capaz de penetrar a energia limitada da matéria?

J.K.: Sim, isso está certo. E alterar a limitação.

D.B.: Remover parte da limitação.

J.K.: Quando houver uma questão intrincada, um problema ou um desafio que o senhor precisa enfrentar.

D.B.: Poderíamos também acrescentar que todos os meios tradicionais de se tentar fazer isso não podem ser eficazes...

J.K.: Não têm sido eficazes.

D.B.: Bem, isso não é suficiente. Temos de dizer que eles de fato não podem fazê-lo, pois as pessoas ainda poderiam ter a esperança de que isso fosse possível.

J.K.: Eles não podem.

D.B.: Porque o pensamento não pode atingir sua própria base física e química nas células e fazer algo a respeito dessas células.

J.K.: Sim. O pensamento não pode provocar uma mudança em si mesmo.

D.B.: Apesar disso, praticamente, todas as coisas que os homens têm tentado fazer estão baseadas no pensamento. Há uma área limitada, sem dúvida, onde isso é satisfatório, mas nada podemos fazer quanto ao futuro da humanidade a partir dessa abordagem habitual.

J.K.: Quando ouvimos os políticos, que estão tão ativos no mundo, percebemos que para eles os ideais são as coisas mais importantes.

D.B.: Falando de modo geral, ninguém conhece outra coisa.

J.K.: Exatamente. Estamos dizendo que o velho instrumento, que é o pensamento, está desgastado, exceto em determinadas áreas.

D.B.: Ele nunca foi adequado, exceto nessas áreas.

J.K.: Sem dúvida.

D.B.: E, até onde se pode ver na história, o homem sempre esteve inquieto.

J.K.: O homem sempre teve problemas, esteve perturbado, assustado. E diante de toda essa confusão do mundo, perguntamos, pode haver uma solução para tudo isso?

D.B.: Isso nos leva de volta a uma questão que eu gostaria de repetir. Parece que há algumas pessoas que estão discutindo isso e pensam talvez que sabem, ou talvez meditam, e tudo mais. Mas de que modo isso afetará essa enorme corrente da humanidade?

J.K.: Provavelmente muito pouco. Mas por que afetará? Talvez possa, talvez não. Mas então surge aquela questão: de que adianta isso?

D.B.: Sim, esse é o ponto. Acho que há um sentimento instintivo que nos leva a fazer essa pergunta.

J.K.: Mas acho que é a pergunta errada.

D.B.: Sabe, nosso primeiro impulso é dizer: "Que podemos fazer para deter essa terrível catástrofe"?

J.K.: Sim. Mas se cada um de nós, se cada dos que estão nos ouvindo, perceber a verdade de que o pensamento, tanto em sua atividade externa como interna, criou uma terrível confusão, um imenso sofrimento, inevitavelmente perguntaremos: há um fim para tudo isso? Se o pensamento não pode acabar com isso, o que poderá?

D.B.: Sim.

J.K.: Qual é o novo instrumento que poria um fim a toda essa miséria? Veja, há um novo instrumento, que é a mente, que é a inteligência. Mas o problema é que as pessoas não darão ouvidos a nada disso. Tanto os cientistas como o homem comum, igual a nós, já têm suas conclusões definitivas e não darão ouvidos a nada disso.

D.B.: Sim, bem, é isso o que eu tinha em mente quando disse que um pequeno número de pessoas não parece ter muito efeito.

J.K.: Naturalmente. Acho que, apesar de tudo algumas poucas pessoas mudaram o mundo, para melhor ou para pior – mas esse não é o caso. Hitler, e também os comunistas, mudaram-no, mas acabaram recaindo no mesmo padrão. A revolução física nunca alterou psicologicamente a condição humana.

D.B.: O senhor acha que é possível um determinado número de cérebros entrar em contato com a mente no sentido de conseguir produzir um efeito na humanidade que esteja além do efeito imediato e óbvio da sua comunicação?

J.K.: Sim, por certo. Mas como transmitir essa questão tão sutil e complexa a uma pessoa que está mergulhada na tradição, que está condicionada e que não terá nem mesmo tempo para ouvir ou refletir?

D.B.: Bem, esse é o problema. Sabe, o senhor poderia dizer que esse condicionamento não pode ser absoluto, não pode ser um bloqueio absoluto, ou não haveria nenhuma saída. Mas o condicionamento talvez possa ser considerado como tendo alguma espécie de permeabilidade.

J.K.: Eu quero dizer que, apesar de tudo, o Papa não nos ouvirá, no entanto o Papa tem uma enorme influência.

D.B.: É possível que haja algo que qualquer pessoa estaria disposta a ouvir se isso pudesse ser descoberto?

J.K.: Se ela tivesse um pouco de paciência. Quem ouvirá? Os políticos não ouvirão. Os idealistas não ouvirão. Os totalitaristas não ouvirão. As pessoas profundamente impregnadas de religião não ouvirão. Desse modo, talvez uma pessoa, digamos, ignorante, não muito instruída ou condicionada pela sua carreira profissional, ou pelo dinheiro, o homem pobre que diz: "Estou sofrendo; por favor vamos pôr um fim a isto..."

D.B.: Mas, o senhor sabe, ele também não ouve. Ele quer conseguir um emprego.

J.K.: Naturalmente. Ele diz: "Alimente-me primeiro." Nós passamos por tudo isso durante os últimos sessenta anos. O pobre não ouvirá, o rico não ouvirá, o homem culto não ouvirá e os religiosos profundamente dogmáticos não ouvem. Assim, talvez seja como uma onda no mundo; ela poderia apanhar alguém. Acho que é errado perguntar, mas ela afeta de algum modo?

D.B.: Sim, está certo. Diremos que isso introduz o tempo, o que significa transformação. Introduz de novo a psique no processo de transformação.

J.K.: Sim. Mas se o senhor diz... deve afetar a humanidade...

D.B.: O senhor está sugerindo que isso afeta diretamente a humanidade através da mente, em vez de através...

J.K.: Sim. Ela não pode se manifestar imediatamente na ação.

D.B.: O senhor disse que a mente é universal e não está localizada em nosso espaço habitual, não é separada...

J.K.: Sim, mas há aqui um perigo, quando se diz que a mente é universal. É isso o que algumas pessoas dizem da mente e, desse modo, tornou-se uma tradição.

D.B.: Pode-se transformá-la numa idéia, é claro.

J.K.: É esse exatamente o perigo; é o que estou dizendo.

D.B.: Sim. Mas na verdade a questão é a seguinte: temos de entrar diretamente em contato com isso para torná-lo real. Certo?

J.K.: Isso mesmo. Só podemos entrar em contato com ela quando o eu não existe. Para expressar isso de um modo bastante simples, quando o eu não existe, há beleza, silêncio, espaço; então a inteligência, que nasceu da compaixão, opera através do cérebro. E muito simples.

D.B.: Sim. Valeria a pena discutir o eu, visto que ele é tão amplamente ativo?

J.K.: Essa é, há séculos, a nossa antiga tradição, eu sei.

D.B.: Há algum aspecto da meditação que possa ser útil aqui quando o eu está agindo? Veja, suponha que uma pessoa diga: "Está certo, estou presa ao eu, mas quero sair. Quero saber, porém, o que devo fazer."

J.K.: Não.

D.B.: Eu não usaria as palavras "o que devo fazer". Mas o que o senhor acha?

J.K.: E muito simples. O observador é diferente do observado?

D.B.: Bem, suponha que digamos: "Sim, parece ser diferente". E então?

J.K.: Isso é uma idéia ou uma realidade?

D.B.: o que o senhor quer dizer?

J.K.: A realidade existe quando não há nenhuma divisão entre o pensador e a coisa pensada.

D.B.: Mas suponha que eu diga: em geral julga-se que o observador é diferente da coisa observada. Começamos por aí.

J.K.: Começamos nesse ponto. Vou ll1e mostrar. Veja. O senhor é diferente da sua raiva, da sua inveja, do seu sofrimento? Não é.

D.B.: À primeira vista, parece que sou, que eu poderia tentar controlar isso.

J.K.: O senhor é isso.

D.B.: Sim, mas de que modo verei que sou isso?

J.K.: O senhor é o seu nome. O senhor é a sua forma, o seu corpo. O senhor é as reações e as ações. O senhor é a crença, o medo, o sofrimento e o prazer. O senhor é tudo isso.

D.B.: Mas a primeira experiência é a de que estou aqui primeiro e que essas coisas são minhas características; elas são as minhas qualidades, que posso ter ou não. Eu poderia ser colérico ou não-colérico, poderia ter esta ou aquela crença.

J.K.: Contraditório. O senhor é tudo isso.

D.B.: Mas isso não é óbvio, entende? Quando o senhor diz que eu sou isso, quer dizer que sou isso e não posso ser de outro modo?

J.K.: Não. Atualmente, o senhor é isso. Pode ser totalmente de outro modo.

D.B.: Muito bem. Então, eu sou tudo isso. O senhor está me dizendo que esse observador imparcial é idêntico à raiva que ele está observando?

J.K.: Naturalmente. Assim como quando eu me analiso, o analista é o analisado.

D.B.: Sim. Ele sofre a influência daquilo que ele analisa...

J.K.: Sim.

D.B.: Assim, se observo a raiva durante algum tempo, posso verificar que sou muito influenciado pela raiva e, num determinado ponto, digo que eu e essa raiva somos um?

J.K.: Não "eu e a raiva somos um"; não eu sou a raiva.

D.B.: Essa raiva e eu somos a mesma coisa?

J.K.: Sim. O observador é o observado. E quando esse fato ocorre o senhor realmente eliminou por completo o conflito. O conflito existe quando estou separado da minha qualidade.

D.B.: Sim, é verdade, porque se eu me considero separado, então posso tentar mudá-la; mas, uma vez que eu *sou* aquilo, é ela que está tentando, ao mesmo tempo, mudar a si mesma e permanecer ela mesma.

J.K.: Sim, isso mesmo. Mas quando a qualidade sou eu, a divisão acabou. Certo?

D.B.: Quando vejo que a qualidade sou eu, então não há nenhum motivo para tentar mudar.

J.K.: Não. Quando há divisão e a qualidade não sou eu, nisto há conflito, ou repressão, ou fuga, e assim por diante, o que é um desperdício de energia. Quando essa qualidade sou *eu*, toda a energia que foi desperdiçada está presente para examinar, observar.

D.B.: Mas, por que faz tanta diferença considerar essa qualidade como sendo eu?

J.K.: Faz diferença quando não há nenhuma divisão entre a qualidade e eu.

D.B.: Bem, então não há nenhuma percepção de uma diferença. . .

J.K.: Isso mesmo. Tente dizê-lo de outra forma.

D.B.: ...a mente não tenta lutar consigo mesma.

J.K.: Sim, sim.É isso mesmo.

D.B.: Se há uma ilusão de uma diferença, a mente deve ser compelida a lutar consigo mesma.

J.K.: O cérebro.

D.B.: O cérebro luta contra ele próprio.

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: Por outro lado, quando não há ilusão de uma diferença, o cérebro simplesmente pára de lutar.

J.K.: E, portanto, o senhor tem bastante energia.

D.B.: A energia natural do cérebro é liberada?

J.K.: Sim. A energia significa atenção.

D.B.: A energia do cérebro deixa espaço para a atenção...

J.K.: Para aquela coisa se dissolver.

D.B.: Sim, mas espere um pouco. Dissemos antes que a atenção era um contato entre a mente e o cérebro.

J.K.: Sim.

D.B.: O cérebro deve estar num estado de intensa energia para permitir esse contato.

J.K.: Isso mesmo.

D.B.: Quero dizer que um cérebro cuja energia é escassa não pode permitir esse contato.

J.K.: Sem dúvida. Mas a maioria de nós têm pouca energia, por estarmos tão condicionados.

D.B.: Bem, o senhor está dizendo essencialmente que esse é o modo de se começar.

J.K.: Sim; simplesmente começar. Começar com "o que é", com o que eu sou. O autoconhecimento é muito importante. Ele não é um processo acumulativo de conhecimento, como pode parecer. E um constante aprendizado acerca de si mesmo.

D.B.: Se o senhor chama a isso de auto conhecimento, então não se trata do tipo de conhecimento do qual falamos anteriormente, que é condicionamento.

J.K.: Está certo. O conhecimento condiciona.

D.B.: Mas o senhor, está dizendo que esse tipo de autoconhecimento não é condicionamento. Mas por que o chama de conhecimento? E um tipo diferente de conhecimento?

J.K.: Sim. O conhecimento condiciona.

D.B.: Sim, mas agora o senhor tem esse autoconhecimento.

J.K.: Que é conhecer e entender a si mesmo. Compreender a si mesmo é uma coisa muito sutil e complexa. É viver.

D.B.: Essencialmente conhecer a si mesmo no exato momento em que as coisas estão acontecendo.

J.K.: Sim, saber o que está acontecendo.

D.B.: Em vez de armazená-lo na memória.

J.K.: Naturalmente. Através das reações, começo a descobrir o que eu sou.

20 de junho de 1983, Brockwood Park, Inglaterra.